



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Engenharia

**Plano estratégico para desenvolvimento  
Ecoturístico em Montemor-o-Velho  
Projecto de empreendimento Ecoturístico em  
Montemor-o-Velho**

**Henrique Miguel B. Pereira da Cunha**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitectura**  
(Ciclo de estudos integrados)

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Cláudia Beato

Covilhã, 2 de Outubro de 2015







## Agradecimentos

Em Primeiro lugar quero agradecer à Professora Doutora Cláudia Sofia Beato por todo o acompanhamento e incentivo, pois estes revelaram-se fatores decisivos para o devido tratamento das matérias aqui tratadas, no devido tempo.

Quero agradecer a minha mãe, que se esforçou imenso para eu poder concretizar um objetivo, que tanto ansiava alcançar e sempre me apoiou financeiramente e moralmente, apesar das adversidades da vida. Agradeço a minha irmã pelo apoio prestado e aos meus avós que sempre acreditaram nas minhas capacidades. Não posso deixar de agradecer também a minha namorada, toda a motivação, apoio e companheirismo, que prestou para concluir esta etapa na minha vida.

Por fim quero agradecer a todos os meus amigos e colegas, que sempre me incentivaram e motivaram, Hugo Andrade, Emanuel Freitas, Hugo Salgado, Flávio Marques, etc. com os quais criei fortes laços de amizade, e se revelaram elementos fundamentais no meu percurso académico.



## Resumo

Cada vez mais os meios rurais vêm a sofrer com o despovoamento, devido á falta de postos de trabalho qualificados, o que leva á degradação do espaço público entre muitos outros fatores, como a procura, de melhor qualidade de vida nos grandes centros urbanos onde proliferam os grandes centros económicos.

Este fator leva a que, os meios rurais como caso de Montemor-o-Velho, sejam prejudicados, tanto a nível de desenvolvimento económico, como a nível social e ambiental. Daí surgir a necessidade da reflexão para requalificação e reabilitação deste concelho, encontrando soluções mais apropriadas e garantindo a sua sustentabilidade, de modo a atrair mais população assim como turistas das mais variadas vertentes.

Deste modo, torna-se fundamental, manter estes meios vivos, garantindo uma melhor qualidade de vida, bem como manter a segurança destes espaços minimizando a insegurança sentida em alguns espaços devolutos.

Em suma, este trabalho pretende fazer uma breve contextualização teórica, onde são abordados os temas do Turismo, Ecoturismo como fator de desenvolvimento de turístico desta região, passando pois, pela análise e enquadramento histórico do Concelho de Montemor-o-Velho, com o propósito de elaborar uma proposta de requalificação do espaço público, onde estão incluídas inúmeros equipamentos e atividades, como; Campismo, Bungalows, Ciclovias, Piscina & Spa, Centro Equestres, em simbiose com os pré-existentes potenciando, os equipamentos pré existentes tais como: Centro de Náutico e Pista de Triatlo ou mesmo o próprio Castelo.

## Palavras-chave

Meio Rural, Ecoturismo, Património, Ambiente, Sustentabilidade.





# Abstract

More and more rural areas have been suffering from depopulation, due to lack of skilled jobs, which leads to the degradation of public space among many other factors such as demand, better quality of life in large urban centers where proliferate the major economic centers.

This factor leads to the rural areas as a case of Montemor-o-Velho, have been detriment, whether at economic level, whether at social and environmental level. The need of reflection for rehabilitation of this county, finding appropriate solutions and ensuring their sustainability, so attracting more people as well as tourists from various aspects, it's fundamental.

Thus, it is essential to maintain these living means ensuring a better quality of life as well as maintaining the safety of these spaces minimizing the insecurity felt in some vacant spaces.

In short, this work will try to make a brief theoretical context, which addresses the themes of Tourism, Ecotourism as tourism development factor of this region, going as, the analysis and historical context of Montemor-o-Velho Municipality, for the purpose to draw up a proposal for redevelopment of public space, which are included countless facilities and activities such as; Camping, Bungalow's, Bike paths, Pool & Spa, Equestrian Centre, in symbiosis with pre-existing enhancing, preexisting equipment such as: Nautical Centre and Triathlon track or even the Castle itself.

# Keywords

Countryside, Ecotourism, Heritage, Environment, Sustainability.



# Índice

AGRADECIMENTOS .....	I
RESUMO .....	III
PALAVRAS-CHAVE .....	III
ABSTRACT.....	V
KEYWORDS .....	V
ÍNDICE .....	VII
LISTA DE FIGURAS .....	IX
LISTA DE ACRÓNIMOS .....	XI
INTRODUÇÃO .....	1
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO .....	1
1.2 OBJETIVO .....	2
1.3 JUSTIFICAÇÃO E MOTIVAÇÃO NA ESCOLHA DO TEMA .....	3
<b>CAPITULO I: DO TURISMO TRADICIONAL AO ECOTURISMO.....</b>	<b>5</b>
1.1 - EVOLUÇÃO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DO TURISMO.....	5
1.2 - O PARADIGMA DO TURISMO COMO FENÓMENO SOCIOECONÓMICO .....	12
1.3 - ORIGEM DO ECOTURISMO.....	18
<b>CAPITULO II: ECOTURISMO COMO ALTERNATIVA AO DESENVOLVIMENTO DO MEIO RURAL. ....</b>	<b>21</b>
2.1 - DEFINIÇÃO DE ECOTURISMO .....	21
2.2 - PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO ECOTURISMO .....	22
2.3 - ECOTURISMO COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÓMICO .....	25
2.4 - IMPACTO PRODUZIDO PELO ECOTURISMO NA COMUNIDADE .....	26
2.5 - CASOS DE ESTUDO (EXEMPLOS / BOAS PRÁTICA);.....	32
<b>PARTE II: PLANO ESTRATÉGICO PARA DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO NO CONCELHO DE MONTEMOR-O-VELHO. ....</b>	<b>51</b>
<b>CAPITULO III – O CONCELHO DE MONTEMOR-O-VELHO, COMO UM ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO.....</b>	<b>51</b>
3.1 - BREVE ANÁLISE DO CONCELHO .....	51
3.1.2 - <i>História</i> .....	51
3.1.3 - <i>Demografia</i> .....	59
3.1.4 - <i>Clima e Geomorfologia</i> .....	61
3.2 - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO .....	64
3.2.1 - <i>Arquitetura no concelho</i> .....	64
3.2.2 - <i>Edifícios Marcantes;</i> .....	68
3.2.3 - <i>Análise da área de estudo características gerais</i> .....	73
3.2.4 - <i>Diagnóstico Urbanístico: Problemas e Potencialidades</i> .....	81
3.2.5 - <i>Enquadramento nos Instrumentos de gestão territorial</i> .....	83
3.3 - SÍNTESE : ECOTURISMO EM MONTEMOR-O-VELHO.....	88
<b>CAPÍTULO IV - PROPOSTA PARA DESENVOLVIMENTO ECOTURÍSTICO NO CONCELHO DE MONTEMOR-O-VELHO E EMPREENHIMENTO ECOTURÍSTICO "ECOMONDEGO" .....</b>	<b>91</b>
4.1- OBJETIVOS.....	91
4.2-CARACTERÍSTICAS GERAIS .....	93
4.3- MEDIDAS / INTERVENÇÕES DE VALORIZAÇÃO SOCIOECONÓMICAS DA LOCALIDADE .....	95
4.4- PROJETO FINAL.....	97
<b>CAPITULO V - CONCLUSÃO .....</b>	<b>105</b>
5.1 – CONCLUSÃO .....	105
5.3 - BIOGRAFIA .....	108
5.4- WEBGRAFIA .....	110

- Anexo 1 - Planta de Intervenção
- Anexo 2 - Intervenção/cortes
- Anexo 3 - Intervenção/cortes
- Anexo 4 - Alçados EcoM 2+1
- Anexo 4.1 - Plantas Eco M 2+1
- Anexo 5 - Alçados EcoM 1
- Anexo 5.1 - Plantas EcoM 1
- Anexo 6 - Planta Cobertura Bar da Piscina
- Anexo 6.1 - Alçados Bar da Piscina
- Anexo 6.2 - Plantar Bar da Piscina
- Anexo 7 - Alçados Recepção Camping
- Anexo 7.1 - Planta Recepção Camping
- Anexo 8 - Projeto Picadeiro, Centro Hípico
- Anexo 9 - Projetos Box's , Centro Hípico
- Anexo 10 - Imagens Virtuais

# Lista de Figuras

<i>Figura 1.1 - A evolução do Truísmo em Portugal.</i>	7
<i>Figura 1.2 – Importância das receitas turísticas no PIB – milhões €</i>	12
<i>Figura 2.1 Ambientes poluídos e devastados pelo homem</i>	27
<i>Figura 2.2 - Indicadores biológicos; quantidade de bromélias (web x)</i>	30
<i>Figura 2.3 – Planta geral do parque (web x)</i>	32
<i>Figura 2.4- Tipologia de alojamento</i>	33
<i>Figura 2.6 – Planta da Tree House</i>	35
<i>Figura 2.7 – Salão de eventos</i>	36
<i>Figura 2.8 – Tipologia de programas termais.</i>	37
<i>Figura 2.9 – Piscina exterior</i>	37
<i>Figura 2.10 – Arborismo</i>	38
<i>Figura 2.11 - Zmar eco campo</i>	39
<i>Figura 2.12 – Certificação TUV Rheinland</i>	39
<i>Figura 2.13 - Planta e Imagem de Zmóveis.</i>	41
<i>Figura 2.14 - Planta e Imagem de Zvilla.</i>	41
<i>Figura 2.15 - Planta de Zchalet.</i>	42
<i>Figura 2.16 - Zchalets Family.</i>	43
<i>Figura 2.17 - Zchalets Adaptados.</i>	43
<i>Figura 2.18 – Zmonte Sobreiro.</i>	44
<i>Figura 2.19 – Zmonte Sobreiro #25.</i>	45
<i>Figura 2.20 – Zmonte Lago #45 – Villa Monte.</i>	46
<i>Figura 2.21 – Zmonte Lago #46.</i>	46
<i>Figura 2.22 – Zona Camping Znature Experience</i>	47
<i>Figura 2.23 - Balneário Znature Experience</i>	48
<i>Figura 2.24 – Zmar eco campo.</i>	48
<i>Figura 2.25 – Zmar eco campo, experiências com animais.</i>	49
<i>Figura 2.26 – Certificado de Educação Ambiental</i>	49
<i>Figura 2.27 – Piscinas</i>	50
<i>Figura 2.28 – Restaurante</i>	50
<i>Figura 2.29 – Zona de eventos</i>	50
<i>Figura 3.1 – Castelo de Montemor-o-Velho.</i>	52
<i>Figura 3.2 - Solar das Pinas, MMV</i>	53
<i>Figura 3.3 - Igreja de Santa Maria da Alcáçova no Castelo de Montemor-o-Velho</i>	53
<i>Figura 3.4 - Ermida de St. Onofre (ruína), Póvoa de Santa cristina</i>	54
<i>Figura 3.5 – Concelho de Montemor-o-Velho</i>	60
<i>Figura 3.6 - fonte: INE - Instituto Nacional de Estatística</i>	60
<i>Figura 3.7 - Modelo digital do Terreno</i>	61
<i>Figura 3.8 - Carta de Declive</i>	62
<i>Figura 3.9 – Temperatura Anual</i>	63
<i>Figura 3.10 – Nível de precipitação</i>	64
<i>Figura 3.11 – Igreja de Santa Maria da Alcáçova.</i>	65
<i>Figura 3.12 – Convento de Nossa Senhora dos Anjos,</i>	65
<i>Figura 3.13 – Quinta do Lapuz / Casa da Arieira</i>	66
<i>Figura 3.14 - Igreja Matriz (Reveles)</i>	68
<i>Figura 3.15 - Igreja Matriz</i>	69
<i>Figura 3.16 - Cruz quinhentista, largo da Igreja</i>	69
<i>Figura 3.14 – Mapa Paul da Arzila</i>	74
<i>Figura 3.15 – Paul do Taipal</i>	77
<i>Figura 3.16 – Papa-ratos</i>	78
<i>Figura 3.17 – Doces Conventuais (Queijadas de Pereira; Pasteis de Tentúgal; Arroz Doce)</i>	79
<i>Figura 3.18 - Carta de Ordenamento</i>	83

<i>Figura 3.19 – Plano de ordenamento da Reserva Natural do Paúl de Arzila</i>	85
<i>Figura 3.20 - Carta RAN</i>	87
<i>Figura 3.21 - Carta REN,</i>	87
<i>Figura 4.1 - Roteiro turístico (gastronomia, atividades desportivas, edifícios marcantes)</i>	92
<i>Figura 4.2 - Zona de intervenção</i>	92
<i>Figura 4.3 - Planta Intervenção - "EcoMondego Park", Anexo 1</i>	93
<i>Figura. 4.4 - Centro Náutico de MMV</i>	93
<i>Figura 4.5 e 4.6 - Imagem Virtual Boxes, Envolvente Centro Hípico e zona Verde</i>	94
<i>Figura 4.7 - Imagem Virtual EcoMondego-park, Zona Rio e ciclovias com passagem aérea</i>	95
<i>Figura 4.8 -Imagem virtual Praia Fluvial / Parque autocaravanas e zona de camping</i>	95
<i>Figura 4.9 - Piscina e edificação de apoio Bar/restaurante, zonas Balneares.</i>	96
<i>Figura. 4.10- Imagem Virtual nocturna, zona Bungalows EcoM 0 e EcoM 2+1</i>	99
<i>Figura 4.11 - Imagem Virtual Zona Bungalows</i>	99
<i>Figura 4.12 - Imagem Virtual Zona Bungalows</i>	100
<i>Figura 4.13 - Imagem "Hangar Centro Náutico" (Figueira,2008)</i>	103
<i>Figura 4.14 - Trail's e circuitos de BTT seguros, usados em alguns eventos desportivos Locais.</i>	103

## Lista de Acrónimos

GRP	Gabinete de Relações Públicas
UBI	Universidade da Beira Interior
MMV	Montemor-o-Velho
OMT	Organização Mundial de Turismo
WTTC	World Travel and Tourism Council
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico
CST	Conta Satélite de Turismo
PIB	Produto Interno Bruto
PENT	Plano Estratégico Nacional do Turismo
I&DT	Sistema de Incentivos à Investigação & Desenvolvimento Tecnológico
DGADR	Direcção Geral da Agricultura e Desenvolvimento Rural
TER	Turismo no Espaço Rural
TN	Turismo de Natureza
VIM	Visitor Impact Management
SW	Sudoeste
NUTS III	Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (3)
INE	Instituto Nacional de Estatística
MDT	Modelo Digital do Território
CSB	Classificação Climática de Koppen e Geiger
ZPE	Zona de Protecção Especial
PDM	Plano Director Municipal
IGT	Instrumentos de Gestão Territorial
RJIGT	Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial
PROT	Plano de Ordenamento do Território
PBH	Plano de Bacia Hidrográfica
REN	Reserva Ecológica Nacional
RAN	Reserva Agrícola Nacional
PMOT	Plano Municipal de Ordenamento do Território





# Introdução

Esta Tese é apresentada à Universidade da Beira Interior como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura.

## 1.1 Contextualização

O turismo é atualmente uma constante nas sociedades ocidentais, nos *mídia*, aparecendo quase que diariamente nos meios de comunicação e no léxico de muitos governos, como um dos sectores de desenvolvimento dos países, quase como uma panaceia para todos os males.

Portugal é um dos países onde tal acontece e a onde o sector nos últimos dois anos tem sido fundamental para o equilíbrio da balança de pagamentos.

Contudo, o sector está fortemente centralizado em duas regiões em Portugal continental: muito dependente do produto sol e praia no algarve e da cultura em Lisboa e Vale do Tejo.

Após a revisão da literatura torna-se evidente que: o turismo pode assumir um papel fundamental na vivência em sociedade; o património na instrução do ser humano; e o desenvolvimento na evolução das sociedades, sobretudo quando enquadrado por um planeamento que evidencia as potencialidades dos locais, ao mesmo tempo que as preserva.

Assim, o desenvolvimento territorial deve ser equilibrado, sendo que sobretudo em zonas rurais, de grande riqueza e sensibilidade ambiental e ecológica, e no caso Português, em áreas onde se nota uma diminuição da população, o turismo pode ser uma forma de sustentar o êxodo rural e promover a qualidade de vida das populações, atraindo mesmo novos habitantes.

Neste sentido, e nestas áreas, o ecoturismo pode ser uma forma preponderante e decisiva, sempre que enquadrado num planeamento integrado, de promover o desenvolvimento, promovendo a sustentabilidade e a qualidade dos espaços em que se insere.

## 1.2 Objetivo

Esta dissertação de mestrado pretende abranger as lacunas do nosso quotidiano, nas questões que se prendem ao turismo sustentável e ecoturismo, com a respetiva aplicação prática no concelho de Montemor-o-Velho, de modo a promovê-lo e a potenciar mais-valias, uma vez que aqui existe um vazio no que diz respeito ao turismo e a forma como este está a ser potenciado.

Assim sendo, ir-se-á proceder a uma análise crítica, do conceito de turismo e suas derivações de forma a perceber o que engloba todo o conceito bem como as melhores práticas a ter em conta, por forma a utilizar este conhecimento bem como todo o património existente como elemento potenciador do concelho, usando também os recursos locais e infraestruturas como elementos chave, tendo como objetivo a promoção de uma ação de ecoturismo enquadrada nas potencialidades, figuras de plano e apetências do concelho.

É imprescindível numa investigação esclarecer o objetivo de estudo, com o fito de alcançar uma maior consistência quanto aos resultados e essencialmente porque permite guiar melhor o trabalho de investigação científica. Atendendo á abrangência do tema, e a questões de operacionalização, cabe referir que:

- a) Para melhor orientar e operacionalizar o trabalho de investigação este versou o turismo como motor de desenvolvimento utilizando os recursos patrimoniais de forma sustentável; b)
- b) Por outro lado, este trabalho vai incidir sobre a importância de planeamento contínuo do setor, uma necessidade ainda muito pouco investigada em Turismo, neste caso tendo como objetivo o ecoturismo num concelho em declínio populacional e económico, entre Coimbra e a Figueira da Foz - Montemor-o-Velho;

As aplicações deste conceito poderá albergar, um empreendimento Turístico, com propostas de roteiro turístico pelos edifícios marcantes do concelho, bem como paus caracterizados por uma fauna e flora singulares, circuitos de Btt e Trail-Running, canoagem, avistamento de aves em processos migratórios bem como a gastronomia e épocas festivas do concelho. Deste modo estas abordagens têm como sentido, a promoção turística do concelho e incentivar a requalificação do património outrora esquecido, bem como enaltecer as novas infraestruturas criadas

nomeadamente as de carácter do lazer e desportos ao ar livre, criando assim uma simbiose entre, a cultura o edificado e a natureza. Pretendendo assim provocar uma visão mais cuidada acerca da sustentabilidade e das suas potencialidades como alternativa ao desenvolvimento do meio rural.

### **1.3 Justificação e motivação na escolha do tema**

A temática do turismo em particular do ecoturismo tem sido uma área que me atrai. A vivência entre a natureza, é algo que me é particular atraente. Devido a razões afetivas, e pelo facto de morar num Concelho como o de Montemor-o-Velho, desenvolvi ao longo dos anos uma particular sensibilidade para encarar os problemas dos concelhos, do qual têm saído os mais novos em busca de melhores condições de vida, com os conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação superior.

Com efeito, as áreas de conhecimento abordadas durante o curso de Arquitetura e os meus conhecimentos do Concelho, fizeram-me querer trabalhar em algo que pudesse ser aplicado na prática, que possa potenciar as qualidades do Concelho, capacitando-o para captar população, investimento, ao mesmo tempo que mantenha e até potencie o seu património único.

Atendendo à sua potencialidade, sobretudo ao nível do ambiente, as às suas características rurais, uma proposta de ecoturismo, enquadrada num planeamento integrado pareceu ser algo capaz de ser apresentado à idealidade camarária ou a potenciais investidores, como exemplo de uma forma de usufruir do património do concelho de forma equilibrada.



# **Parte I: A importância do ecoturismo no desenvolvimento económico e social / ecoturismo como alternativa ao desenvolvimento.**

## **Capítulo I: Do turismo tradicional ao ecoturismo**

### **1.1 - Evolução e características gerais do turismo**

O turismo é um fenómeno humano amplamente difundido no espaço e de crescente importância na economia mundial, sendo por isso objeto de um interesse cada vez maior por parte da sociedade. (BEATO, 2008)

Atualmente, assume grande importância, quer para a economia portuguesa e a economia mundial, estando ao nível em termos de dimensão e receitas, das atividades económicas mais importantes como a Indústria Petrolífera e a automóvel (CUNHA, 2010).

Porém o turismo, para além de ser um forte impulsionador da economia, não se limita a esta única dimensão, tendo interação com o ambiente, o património natural e construído, a população e o território (LAGO, 2014).

Cabe referir que o turismo não é um fenómeno recente, mas é sobretudo com o pós-II Grande Guerra que ganha expressão tanto em termos de volume de receitas e de turistas como em termos de importância para o modo de vida das sociedades mais desenvolvidas (BEATO, 2009).

Com efeito, antes mesmo das civilizações clássicas encontram-se manifestações importantes de turismo, quer na Civilização Chinesa, quer na Egípcia, onde deslocções para assistir a acontecimentos religiosos e de culto eram importantes. Na Grécia por exemplo, ganha outra expressão com manifestações tão importantes como os jogos Olímpicos que atraíam largos milhares de Gregos que acampavam, dormiam em hospedarias, comiam, e assistiam a uma conjunto de espetáculos culturais e desportivos durante os jogos (Idem; CUNHA, 2010).

Se a aristocracia Britânica começa a fazer a sua *Grand Tour* a partir do séc. XVIII, é com a Revolução Industrial que o turismo começa a ser construído em termos de indústria aparecendo a primeira agencia de viagens do Mundo, por Thomas Cook, depois deste, em 1841 ter realizado a primeira viagem comercial organizada, de comboio, para um grupo de 570 pessoas, criando assim o primeiro pacote turístico (package) (CUNHA; 2010).

O turismo, tem vindo praticamente, sempre a crescer nos países desenvolvidos, fruto de populações com uma maior mobilidade e uma maior preocupação no que diz respeito ao tempo de lazer, favorecida por viagens, sobretudo aéreas mais económicas. Este fator fez com que os países das economias emergentes da Ásia, Pacífico e Médio-oriente também tivessem um crescimento notável de 1990 a 2002 segundo a OMT. (OMT; 2010)

A primeira definição de Turismo terá surgido em 1910, da autoria do economista austríaco Herman Von zu Schrattenhofen (BERNECKER, 1965), segundo o qual o turismo é *“todos os processos, especialmente económicos, que se manifestam na afluência, permanência e regresso do turista, dentro e fora de um determinado território”*.

Entretanto e ao longo das últimas décadas, muitas outras definições foram propostas, devido a uma maior pesquisa e a todas as mudanças que ocorreram a nível global (políticas, sociais, económicas), sendo de realçar as seguintes definições:

. Mathieson e Wall (1982), que definem o turismo como sendo *“não só o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de residência e de trabalho, como ainda as atividades e as infraestruturas criadas para satisfazer todas as suas necessidades durante a sua estadia”* (BEATO, 2009).

. Weaver e Lawton (2006), que atribuem um significado mais abrangente do turismo, definindo-o como *“a soma dos processos, atividades e resultados, que advêm das interações entre turistas, organizações privadas, organizações não-governamentais, (...) e que lidam com a área do turismo no processo de atraírem, transportarem, acolherem e gerirem turistas e outros visitantes”*; (ibidem)

Embora não exista uma definição que seja consensual, o conceito mais utilizado é o da (OMT) - Organização Mundial de Turismo, segundo o qual *“o turismo compreende as atividades das pessoas que viajam e permanecem em locais fora do seu ambiente*

*habitual, por não mais do que um ano consecutivo, por motivos de lazer, negócios ou outros afins” (CUNHA, 2010)*

Numa visão mais antropológica e atual das necessidades do Homem, pode-se considerar o turismo de acordo com a principal motivação que leva à viagem, neste caso, ele assume diversas motivações, que se prendem a inúmeros aspetos onde estas podem abranger os aspetos de forro profissional ou de lazer, desportivo, religioso, politico, entre outros, (ver figura 1.1).

- Turismo Cultural,
- Turismo Religioso,
- Turismo Desportivo,
- Turismo de Aventura,
- Ecoturismo,
- Turismo Rural,
- Turismo de Habitação,
- Turismo de Natureza,
- Turismo Sol e Mar,
- Turismo Cinegético,
- Turismo Urbano,
- Turismo de Saúde,
- Turismo de Compras,
- Turismo Sexual,
- Turismo de Golfe,
- Turismo de Jogos,
- Turismo Étnico ou *Enoturismo*,
- Turismo Enólogo ou *Enoturismo*,
- Turismo Pedagógico,
- Turismo Residencial e Resorts,

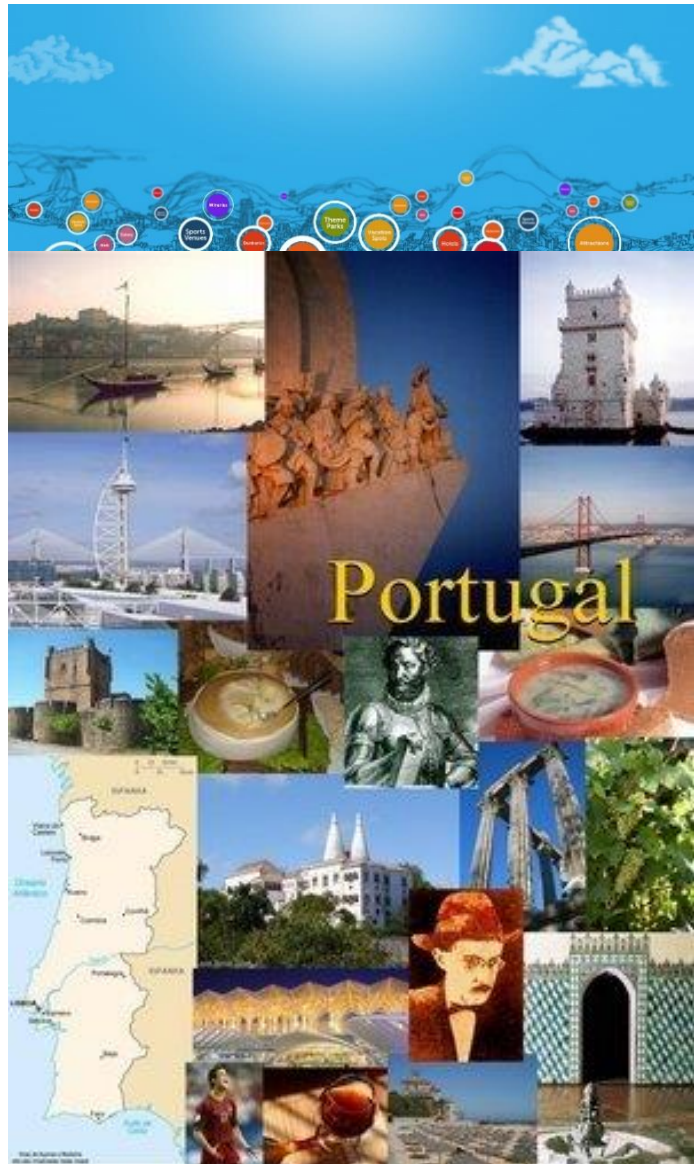


Figura 1.1 - A evolução do Truísmo em Portugal.

Fonte: <http://aprendoensinomais.blogspot.pt/p/setorterciario.html> (Web

Outro fator que distingue os fluxos turísticos e o tipo de turismo é a duração da viagem: fim-de-semana, longo duração, ou se é dentro ou fora do país: turismo interno ou doméstico, turismo externo.

De realçar que o usufruto dessas deslocações é feito para proveito pessoal, em que muitos destes turistas, buscam algo novo, novas culturas, deixando-se influenciar pelo meio que os envolve, possibilitando que exista intercâmbio de experiências das atividades, antes e depois da estadia. Deste modo, o turismo da sociedade moderna, abrange um número extenso de atividades que não apenas as económicas, sendo um sector transversal à sociedade e englobando vários tipos de equipamentos entre eles: os transportes, o alojamento, as agências de viagens, práticas de lazer, desporto, cultura, entre outras.

Tendo em consideração as relações entre o turista e os locais visitados de modo a facilitar as necessidades destes, pode-se dizer que este conceito engloba em simultâneo o Oferta e a Procura turística.

a) Turismo pelo lado da Procura:

Este fator verifica-se, quando existe uma presença vinculada e principalmente sociocultural no turismo, embora este fator também seja encontrado, na forma como este fenómeno se define. É fundamental perceber que após ao segundo quartel do século XX, o turismo foi sempre caracterizado pelo lado da "procura", como se verifica nas definições anteriores avançadas pelos académicos mais reputados da época;

Assim sendo, verifica-se que o estudo do movimento das pessoas para fora da sua residência habitual, e por períodos superiores ou iguais a 24h, por um período não superior a um ano, e cuja atividade principal é não remunerada, é a definição mais usual de Turista e que corresponde à definição de visitante da OMT (Beato, 2009);

De referir que o turismo, contempla um conjunto de características centrais para a região onde se manifesta - região recetora, que recebe os turistas, de maior relevância, e impacto a nível socioeconómico, cultural, patrimonial, ambiental, paisagístico, que urge ter em consideração quando se trata de planeá-lo (BEATO, 2009);



b) Turismo pelo lado da Oferta;

Já no que diz respeito ao fator da "Oferta", existe atualmente uma forte tendência, introduzida pela OMT, de modo a que o turismo seja assim visto, tendo como principal objetivo verificar o real valor e peso do turismo em termos de atividade económica. Smith em 1989, foi o primeiro a formar este conceito do lado da "oferta", segundo o qual, é evidente que o turismo encerra na sua origem a movimentação de pessoas, e para tal assume uma vertente social, uma vez que é executado como um agregado de atividades e negócios que indireta ou diretamente fornecem bens ou serviços aos turistas ou excursionistas (visitantes de dia);

Assim deve-se referenciar que as, linhas aéreas, hotéis, alguns restaurantes, operadores turísticos, agências de viagens, entre outros, são entendidos como fornecendo bens ou serviços quase na sua totalidade para os turistas, devendo-se ainda assim, ter em conta as atividades consideradas como "periferia de suporte" tais como determinados restaurantes, táxis e supermercados, centros de saúde, que complementam e facilitam a estadia;

Por forma a focar o objeto, a quantificar e a delimitar as inter-relações do sistema socioeconómico do turismo, a OMT têm a criado grupos de reflexão e produzidos guias metodológicos, sendo que esta já se vê acompanhada por outras organizações como a WTTC e a OCDE. Assim seguindo a metodologia da CST, o sector do turismo é formado por um conjunto de atividades que se focam em 7 eixos principais do lado da oferta. A saber:

- Alojamento
- Restauração;
- Transportes:
- Serviços de agências de viagens e operadores turísticos;
- Rent-a-car;
- Serviços culturais;
- Serviços recreativos e de lazer

Conseguindo, que estas novas caracterizações do turismo deem um valor acrescido á área da cultura e do património, uma vez que neste caso começam a ser avaliadas em paralelo com as atividades empresariais, podem verificar o valor gerado e avaliar

qual a expressão que têm em termos de valor gerado, assim como a expressão orçamental para o estado.

De tudo o referido, verifica-se que para existir turismo é necessário que haja "pessoas que tenham capacidade em termos de tempo e dinheiro, mobilidade e motivação para viajar" (MILL E MORRISON, 1992:2, e que existam meios de transporte seguros e fiáveis.

Neste contexto, Licínio Cunha (1997:7) define então quatro conceitos importantes:

. Viajante - qualquer pessoa que se desloca entre dois ou mais países - viajante internacional, ou entre duas ou mais localidades dentro do seu país de residência habitual - viajante doméstico;

. Visitante - qualquer pessoa que viaja para qualquer lugar fora do seu ambiente habitual por um período inferior a 12 meses consecutivos, cujo motivo principal da visita não seja o de exercer uma atividade remunerada no local visitado;

. Visitante do dia - (excursionista), visitante que não permanece uma noite no local visitado;

. Ambiente habitual - O principal objetivo da introdução deste conceito é excluir do conceito de visitante as pessoas que se deslocam diária ou semanalmente entre as suas casas e os locais de trabalho ou estudo, ou outros lugares visitados frequentemente. A definição de ambiente baseia-se nos seguintes critérios;

- Distância mínima percorrida,
- Duração mínima de ausência do local de residência habitual,
- Mudança de localidade ou de unidade territorial administrativa,
- Exclusão explícita de certas deslocações ordinárias,

. Residência habitual - é um dos critérios "chave" para determinar se uma pessoa que chega a um país é um "visitante" ou "outro viajante" e sendo visitante se é nacional ou não residente. A classificação dos visitantes internacionais segundo a sua origem é feita pelo país de residência e não pelo da nacionalidade.

Do que foi referido a natureza subjetiva do turismo, a sua transversalidade mostra-se na ambiguidade no modo como é encarado: um sector económico com a sua própria estrutura, ou uma atividade económica ou uma indústria. De mencionar que se encarar apenas a perspetiva económica, o turismo revela algumas diferenças com outras atividades visto é definido pelo lado da procura e não pelo que ele produz, impossibilitando assim, de serem identificados os bens que são consumidos pelos turistas: contudo pode-se saber quais os bens procurados por eles, uma vez que, nos outros sectores existem meios de produção do mesmo carácter - no turismo concorrem uma grande variedade de produções. Em Portugal no que diz respeito ao turista, relativamente ao consumo turístico interno, quantificaram-se da seguinte forma os seguintes itens; alojamento 29,6 %, transportes de passageiros 22,3 %(57% referentes ao transporte aéreo, aproximadamente), restauração e bebidas 14,8%, e os serviços de recreio e lazer com 12,1%.

Porém, o turismo pode ser designado como uma indústria, a qual comparada com outras atividades industriais pode caracterizar-se pelo consumo de bens no local de produção, o que implica uma deslocação, e não pela sua produção, uma vez que, este usufrui dos recursos característicos do local e não necessita de transformação. Assim pode-se afirmar que o turismo, com toda diversidade da sua natureza (física, emocional; cultural, ambiental; material...) é a vivência de todas as emoções dos elementos oferecidos pelos diferentes locais, e pela experiência condicionada de cada turista, e em última instância o produto da atividade turística é a experiência que o visitante leva consigo (BEATO, 2009).

Deste modo, o que define o turismo não são apenas os recursos, mas também as pessoas, uma vez que só existe turismo se existir vivência emocional, pessoal, dos recursos que são disponibilizados.

Em suma, o turismo e suas caracterizações têm evoluído ao longo dos tempos e suas classificações como forma de acompanhar a evolução das motivações dos turistas também. Como exemplo as viagens espaciais o turismo de guerra, e o turismo esotérico, que são apontados como as novas motivações turísticas do futuro.

## 1.2 - O paradigma do turismo como fenómeno socioeconómico

As interdependências das relações e a multiplicidade do turismo pode ser definida como uma atividade que afeta e é afetada pela maior parte das atividades humanas, sociais, económicas e ambientais, assim estabelece fortes inter-relações e interdependências com os remanescentes setores, uma vez que se relaciona com a maioria das restantes atividades. Posso afirmar que o turismo influencia direta e indiretamente as diversas atividades de múltiplos setores, dado que existindo um maior consumo turístico, maior será o desenvolvimento do tecido económico empresarial e das infraestruturas do território, o que promove uma economia de escala, e maior diversificação na produção interna.



Figura 1.2 - Importância das receitas turísticas no PIB - milhões €

Verifico que Portugal, é um país claramente vocacionado para o turismo, este sector contribui com cerca de 5% para o PIB garantindo mais de 400 mil postos de trabalho direto, sendo também o maior setor exportador nacional, que, nos últimos anos representou um aumento de cerca de 14% das exportações totais de bens e serviços. Ao verificar este facto, tenho de recorrer aos oito programas de desenvolvimento para o alinhamento do Plano Estratégico Nacional do Turismo - PENT, que determinaram este crescimento, nomeadamente, aos referidos pela aicep Portugal Global na edição de janeiro de 2014, *Pense global pense Portugal, "oito programas para promover um novo paradigma do turismo"*, páginas 19 e 20

### 1. Promoção e venda

*Pretende posicionar Portugal como destino turístico em destaque no mercado internacional das viagens e turismo, de modo que se torne determinante nas opções de compra dos turistas, o que exige uma perceção mais atenta das novas tendências do mercado por parte das marcas e empresas, considerando factores do Destino Portugal, a hospitalidade e a proximidade, enfatizando emoções e focando as pessoas, devendo o marketing e a comunicação estarem salientes em narrativas, experiências e emoções. Contudo, a comunicação do destino deverá encontrar-se evidenciada na venda de propostas concretas de produtos e no acesso às experiências que Portugal proporciona, com mais utilização do marketing de destino (dirigido aos agentes que organizam e distribuem o produto no mercado emissor), e dos meios da Internet, como sejam os conteúdos digitais e as redes sociais.*

### 2. Conteúdos e experiência

*Quer inovar na forma como o cliente interage com o produto, através de conteúdos e estratégias de comunicação, nomeadamente na promoção dos atrativos e atividades de âmbito regional, bem como das respetivas rotas e percursos, que enfatize a diferenciação da oferta. Este Programa confere particular atenção às experiências inovadoras no turismo e ao empreendedorismo diferenciador, como resposta integrada e eficaz à crescente competitividade internacional.*

### 3. Produtos estratégicos

*Aqui o objetivo é criar e desenvolver produtos que atraiam e respondam à procura dos clientes, como é o caso do elevado reconhecimento internacional do destino sol e mar, reforçando-se a qualificação do produto e a sua integração com ofertas complementares e alargamento dos serviços associados. A preservação da qualidade ambiental, as acessibilidades, o enriquecimento das ofertas (do Algarve nomeadamente), bem como a melhoria ao nível de infraestruturas, equipamentos e serviços são consideradas fundamentais. É enfatizado o desenvolvimento de experiências turísticas que destaquem a diversidade do património religioso e cultural, a melhoria das centralidades turísticas e as estadias de curta duração em cidade, assim como a promoção de Portugal como destino de golfe, turismo de natureza, turismo náutico, turismo residencial, turismo de saúde e turismo de gastronomia e vinhos.*

#### 4. Destinos turísticos

*Pretende desenvolver destinos turísticos acessíveis e sustentáveis, através de rotas aéreas de interesse turístico, do turismo marítimo e implementação da captação de cruzeiros, num momento em que o turismo marítimo tem vindo a reforçar a sua importância a nível nacional e internacional, disponibilizando Portugal diversos portos para a receção de navios de cruzeiro ao longo de todo o ano: Lisboa, Leixões, Funchal, Açores, Portimão e mais recentemente Cascais. Outra valência deste programa é a captação de estágios desportivos, em diversas modalidades, tendo o país condições de clima, acessibilidades aéreas, qualidade de oferta hoteleira e modernas infraestruturas desportivas. A sustentabilidade dos destinos turísticos, os sistemas de qualidade, as acessibilidades, bem como a redução de custos de contexto são aqui tidos em consideração.*

#### 5. Capacitação financeira e modernização

*O propósito deste programa é capacitar e modernizar as empresas para o exercício da atividade turística através da consolidação financeira das empresas (acesso ao investimento e à capitalização das empresas, fusão e concentração de empresas assente sobretudo em mecanismos de capital de risco, entre outras medidas), modernização das empresas e métodos de gestão, e a valorização da oferta turística, que é decisiva para a satisfação do turistas e a valorização internacional do turismo em Portugal. O fundamento é que não é possível assegurar a competitividade das empresas e do destino sem que se garanta uma oferta de qualidade, diversificada e diferenciada.*

#### 6. Qualificação e emprego

*Aqui o objetivo é a qualificação dos profissionais de turismo para a excelência do serviço e da gestão, através da formação para o sector do turismo, sendo necessária a reorganização da oferta formativa e das saídas profissionais, desenvolver novas ofertas formativas, no sentido da implementação das profissões estratégicas para o turismo, apontadas por estudos recentes. É referido neste programa a necessidade de competências base essenciais no atendimento ao turista e a elevação do nível de qualificação dos vários agentes em contacto com o turista, bem como a promoção do emprego jovem no sector, a disseminação do conhecimento, inovação tecnológica e introdução de novas práticas.*

## 7. Plataformas e canais de distribuição

*A proposta tem que ver com as novas formas de apresentar o produto, e de contactar e dialogar com o cliente através da apresentação da empresa na Internet, com o desenvolvimento de conteúdos e apresentação de serviços de modo a maximizar a visibilidade e a capacidade de interação com o cliente final e com intermediários, numa ótica de integração e alinhamento com iniciativas internacionais. O objetivo é preparar as empresas para as redes digitais, tornando o alcance da oferta muito maior e por outro lado, promover a utilização de plataformas tecnológicas que suportem eficazmente a gestão e a promoção.*

## 8. Inteligência de mercado e I&DT

*Pretende-se promover a procura de novos clientes ou novos parceiros através de uma melhor perceção do mercado, desde a estrutura e comportamento da procura, passando pelas estruturas de distribuição e dos seus agentes, dos média tradicionais e das redes digitais, até à oferta de destinos concorrentes, sendo necessário criar para isso uma plataforma para viabilizar a cooperação no acesso de informação crítica de mercado. Neste sentido, importa dinamizar projetos de I&DT focados no turismo, uma vez que a crescente competitividade no mercado favorece a introdução de tecnologias inovadoras que facilitem a diferenciação e reduzam os custos de operação das empresas.*

Fonte: Portugal Global, edição de janeiro de 2014, *Pense global pense Portugal, "oito programas para promover um novo paradigma do turismo"*, páginas 19 e 20.

Perante estes fatos, sei e que existem inúmeros fatores que se regem por estes princípios, tendem a promover o turismo sustentável, de forma a obter as melhores práticas ambientais e melhor promoção destes meios. Aqui verifica-se, nos últimos anos um crescimento significativo do turismo em espaço rural em Portugal, o emergir de novos fatores de crescimento associados ao desenvolvimento económico desta atividade em zonas rurais e o seu contributo para:

- ”- A sustentação do rendimento dos agricultores;
- A diversificação das atividades ligadas á exploração agrícola;
- A pluriatividade;

- *A manutenção, a criação e a diversificação de empregos, em particular dos agricultores a tempo parcial;*
- *A conservação e a melhoria da natureza e do ambiente paisagístico;*
- *A sobrevivência dos pequenos agregados populacionais;*
- *O apoio á arte e ao artesanato rural;*
- *A dinamização de iniciativas culturais;*
- *A recuperação do património histórico;*
- *O incremento do papel das mulheres e dos idosos;*
- *A revitalização das coletividades, através do surgimento de novas dinâmicas, ideias e iniciativas."*

Fonte: [www.DGADR.MAMAOT.pt](http://www.DGADR.MAMAOT.pt), Fator de desenvolvimento Rural.

Neste sector verifiquei que a caracterização do turismo rural e do turismo de natureza em Portugal, pertence a DGADR (direção geral da agricultura e desenvolvimento rural), a qual promoveu um estudo pioneiro de caracterização do setor com a colaboração do Turismo de Portugal, a I.P., e a Federação Minha Terra, para caracterizar aprofundadamente a atividade turística, enquadrada no contexto rural (TER) e (TN), permitindo assim identificar os principais obstáculos e potencialidades neste sector.

Uma vez, que este sector tem as suas próprias características, o turismo rural, tende a privilegiar, as práticas, os valores e as tradições culturais e gastronómicas dos meios rurais, conseguindo ter uma proximidade acrescida e mais personalizada com o turista. Aqui, surge o desenvolvimento do tecido económico rural, demonstra diversidade e pluriatividade deste setor, pois este não é só um fator de diversificação das atividades agrícolas. Este desenvolvimento também se verifica na produção de artesanato, na respetiva venda dos produtos tradicionais, nos géneros alimentícios certificados, nos serviços de transportes locais, nas atividades de animação e lazer. Verifica-se, assim que nem todas as zonas rurais têm possibilidade de reunir condições para atrair e fixar os turistas, para isso, é necessário que existam determinados fatores que assegurem o sucesso dos investimentos realizados como nomeado pela DGADR :



- "- Interesse da paisagem;*
- Especificidade da fauna e flora autóctones;*
- Respeito e harmonia da rusticidade do conjunto das construções, bem como dos materiais utilizados;*
- Interesses culturais, tais como monumentos e locais históricos, festas e ramarias, património étnico, etc.;*
- Proximidade de agregados populacionais e de polos de comércio local;*
- Intervenção ativa dos poderes públicos locais, bem como das associações de desenvolvimento local, no sentido de assegurar as necessárias benfeitorias coletivas;*
- Competência e eficácia na promoção da região e na comercialização das unidades existentes;*
- Possibilidade de participação na vida das explorações agrícolas;"*

Fonte: <http://www.dgadr.mamaot.pt/diversificacao/turismo-rural/condicoes-determinantes-de-sucesso>

Assim, verificamos que o turismo em espaço rural deve compreender áreas de ligação tradicional, relativas as origens do espaço rural, sendo que em muitos destes locais, estão **enfoque** as atividades agrícolas e a paisagem, as quais, por sua vez devem ser preservadas, de modo a conseguir que esta atividade se mantenha sustentável á escala rural.

Em suma, considerando um inúmero conjunto de serviços e atividades realizadas, que usufruem de remuneração nestas zonas rurais. Sendo este o sector que maior crescimento tem verificado, deve-se complementar toda a oferta, completa e diversificada, para o turista ter um acolhimento personalizado de acordo com as tradições locais, é de referir, que segundo a DGADR existem 4 tipos de empreendimentos turísticos em espaço rural a respeitar, nomeadamente;

### "Casa de campo

*São casas de campo os imóveis situados em aldeias e espaços rurais que prestem serviços de alojamento a turistas e se integrem, pela sua traça materiais de construção e demais características, na arquitetura típica do local.*

### Turismo de aldeia

*Quando cinco ou mais casa de campo situadas na mesma aldeia ou freguesia, ou em aldeias ou freguesias contidas, sejam exploradas de uma forma integrada por uma única entidade, podem pertencer a mais de uma pessoa.*

### Agroturismo

*São empreendimentos de agroturismo os imóveis situados em explorações agrícolas que prestem serviços de alojamento a turistas e permitam aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da atividade agrícola, ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos, de acordo com as regras estabelecidas pelo seu responsável.*

### Hotel rural

*São hotéis rurais os hotéis situados em espaços rurais que, pela sua traça arquitetónica e materiais de construção, respeitem as características dominantes da região onde estão implantados, podendo instalar-se em edifícios novos que ocupem a totalidade de um edifício ou integrem uma entidade arquitetónica única e respeitem as mesmas características. "*

Fonte: [www.dgadr.mamaot.pt/diversificacao/turismo-rural/caracteristicas-do-turismo-no-espaco-rural](http://www.dgadr.mamaot.pt/diversificacao/turismo-rural/caracteristicas-do-turismo-no-espaco-rural)

## **1.3 - Origem do Ecoturismo**

A expressão Ecoturismo, pode-se dizer que tem a sua origem nas datas mais remotas de 700 a.C. e 800 a.C., como forma de caracterizar as rotas com paisagens ecológicas deslumbrantes por todo o continente Africano, como descrito no "Livro do aluno, "ECOTURISMO, caminhos do futuro (Ministério do turismo - AVT/IAP -NT/USP, Mas é nas décadas de 70 e 80 do séc. XX, que surge o termo Ecoturismo, como sendo uma atividade desenvolvida em espaços naturais, nos quais os turistas a partir dos anos 70, com novos estilos de vida, consequência da evolução do interesse pelo ambiente,

já que, oriundos dos grandes centros populacionais, começam a procurar obter uma nova forma de relacionamento com a natureza alguma aprendizagem das culturas destes meios, quer a nível gastronómico ou cultural, ou mesmo da fauna e flora, da cultura, da paisagem de cada local.

Tal como no Turismo Rural, como referido no ponto 1.2, o Ecoturismo, é estruturado a partir das atividades no meio Natural, embora neste meio, pretenda-se, impulsionar todas a potencialidades destes meios rurais embora com uma consciência ambientalista acrescida e com uma correta interpretação dos locais, uma vez que se consegue encontrar a serenidade e calma do campo, bem como satisfazer o desejo de conhecer estas regiões de forma profunda, e deste modo trazer alguns benefícios para a natureza assim como para a comunidade. Como referido por Ceballos Lascurain em 1987,

*"Turismo Ecológico é aquele que se dedica a viagens para áreas naturais não perturbadas e não contaminadas, com o objetivo específico de estudar, admirar e gozar a paisagem, suas plantas e animais selvagens, assim como as culturas passadas ou presentes que possam ter existido ou existirem nessas áreas"*

Deste modo, para que uma atividade turística seja considerada como ecoturismo ela deve compreender princípios básicos, como a preservação dos recursos naturais e culturais, conjuntamente com uma boa formação ambiental bem como gerar benefícios para as comunidades recetoras sem que se degrade a natureza, e propor ações que sensibilizem os turistas para boas práticas ambientais.



# Capítulo II: Ecoturismo como alternativa ao desenvolvimento do meio Rural.

## 2.1 - Definição de Ecoturismo

Como referido no tópico anterior o Ecoturismo, surge durante as últimas décadas do séc. XX, como uma ferramenta ou atividade turística maioritariamente nos países do sul onde existe maior diversidade biológica, este visa proporcionar benefícios tanto para a natureza como para a sociedade. Deste modo, verifica-se que o ecoturismo, é caracterizado por um conjunto de princípios ligados diretamente à natureza e à cultura local, uma vez que, os próprios ecoturistas são, por norma, pessoas com elevado grau de formação e disciplina, que procuram respeitar as tradições e conhecer ao máximo a história, o património material e imaterial e a natureza - rios, montanhas, avifauna flora -, dos locais visitados.

É de referir também, que o ecoturista tem a característica de tentar interpretar ao máximo o valor patrimonial das atividades locais, entendendo que o que gasta nas suas viagens contribui para a preservação e benefício das comunidades locais, de modo a poderem não só ter um contacto com a natureza, como vivenciarem o seu modo de vida, procurando, em muitos casos, ter guias com níveis apropriados de conhecimentos que possam prestar esclarecimentos sobre a natureza dos locais visitados bem como guiá-los na prática de atividades e desportos mais ou menos radicais.

Para este efeito é necessário que, as pessoas que trabalham no ramo do ecoturismo sejam dotadas de amplos conhecimentos, de modo a zelar pela conservação da natureza e perceber as estruturas dinâmicas dos ecossistemas em causa, por forma a exemplificar as consequências das mudanças promovidas pelo Homem, pelo turista. Uma vez adquirido o conhecimento através do envolvimento com o entorno, devem pô-lo em prática por forma a ampliar a qualidade da experiência do visitante.

Sendo assim, pode-se determinar vários tipos de segmentos diretamente ligados ao Ecoturismo, nomeadamente, o turismo rural, o turismo de aventura, turismo cultural, turismo desportivo, observação de avifauna. Uma vez estabelecido o motivo da atividade, há que a promover ou praticar de forma sustentável sem degradação do

entorno, sendo que o ecoturista deve ser sensibilizado para a conservação das áreas visitadas e contribuir para a sua conservação. Estabelecidos estes parâmetros, todos os processos ligados ao planeamento turístico e ecoturístico, devem envolver toda a comunidade, de modo a que os desejos dessas comunidades sejam atendidos e impulsionados conjuntamente com procura por parte dos visitantes (BEATO; 2009).

É ainda de referir que existem alguns princípios e objetivos básicos a cumprir no Ecoturismo (WEB 2), nomeadamente:

- Promover e desenvolver turismo com bases cultural e ecologicamente sustentáveis,*
- Promover e incentivar investimentos em conservação dos recursos culturais e naturais utilizados,*
- Fazer com que a conservação beneficie materialmente comunidades envolvidas, pois somente servindo de fonte de renda alternativa estas se tornarão aliadas de ações conservacionistas,*
- Ser operado de acordo com critérios de mínimo impacto para ser uma ferramenta de proteção e conservação ambiental e cultural,*
- Educar e motivar pessoas através da participação e atividades a perceber a importância de áreas natural e culturalmente conservadas.*

WEB 2 - Fonte:<http://ambientes.ambientebrasil.com.br/ecoturismo/ecoturismo/ecoturismo.html>

## **2.2 - Pontos Positivos e negativos do Ecoturismo**

O ecoturismo é uma atividade, que embora tenha uma preocupação acrescida com a preservação da natureza, tem efeitos sobre a mesma, os quais podem derivar de inúmeros factores tais como factores económicos, socioculturais e ambientais.

Após determinar estes factores, e possíveis impactos na natureza, é necessário verificar quais os que agem positivamente e os que têm efeitos negativos, de modo a maximizar as potencialidades económicas, ambientais, e socioculturais do local visitado, minimizando os efeitos mais nocivos. Uma vez destetados estes factores e as suas condicionantes, deve-se assumir o controlo dos aspetos negativos e conservar as áreas naturais, por forma a gerar benefícios tanto para a comunidade local como para o meio ambiente, algo possível através de um planeamento integrado com a

participação da comunidade (BEATO, 2009). Este facto é tão mais pertinente dada a fragilidade dos ecossistemas em causa, sendo necessário verificar quais as atividades que estes meios podem comportar, sem que seja posto em causa a conservação do meio ambiente, como é o caso do tráfego excessivo de veículos, ou da passagem de infraestruturas - por exemplo a colocação de pás eólicas, que pode ter forte impacto na paisagem e nas migrações de aves.

Desta forma, a procura pelo turismo ecológico, tem levado à exploração e apropriação de determinados lugares, cujos ecossistemas frágeis, começam a correr determinados riscos de degradação, se não forem tomadas medidas de prevenção. Assim de modo a possibilitar às comunidades locais, o usufruto dos benefícios provocados pela afluência turística de forma planeada e equilibrada, é possível identificar alguns dos possíveis efeitos da atividade turística em ambientes naturais como referido por Pedro César et al, (César et al, a:12):

"Livro do aluno, Ecoturismo, de, Beatriz Stigliano, Sidnei Raimundo e João Nucci", pág.12 .

Efeitos económicos Positivos:

- Geração de emprego;
- Diversificação da economia regional, com a criação de micro e pequenos negócios;
- Fixação da população no local, evitando o êxodo rural;
- Desenvolvimento e melhoria da infraestrutura de transportes, comunicações, saneamento, iluminação, etc.;

Efeitos económicos negativos:

- Instalação de segundas residências, prejudicando espaços e fontes de renda da população;
- Possíveis desvios dos recursos económicos gerados na localidade pelo envio de divisas para fora dela (pagamento de salários de trabalhadores de outras cidades ou de produtos comprados fora do município, por exemplo);
- Aumento de preços de produtos em geral - inflação;
- Especulação imobiliária;

#### Efeitos socioculturais Positivos:

- Valorização da herança cultural material e imaterial (festas, costumes, danças, culinária, artesanato);
- Orgulho étnico;
- Intercâmbio cultural;
- Conservação de locais históricos, preservando a arquitetura local;
- Resgate e perpetuação de atividades típicas da comunidade;
- Fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários;

#### Efeitos socioculturais negativos:

- Descaracterização da vida social local;
- Relacionamento precário entre turistas e moradores, gerando tensões;
- Aumento de problemas sociais como uso de drogas, prostituição e violência;
- Degradação do patrimônio histórico e cultural;

#### Efeitos ambientais positivos:

- Diminuição do impacto sobre o patrimônio natural;
- Criação de alternativas de arrecadação para as Unidades de Conservação;
- Aumento da consciência da população local e dos turistas sobre a necessidade de proteção do meio ambiente;
- Ajuda na conservação de áreas naturais;
- Criação de novas áreas protegidas;
- Conservação da biodiversidade;
- Melhoria da infraestrutura nas áreas naturais;
- Maior fiscalização por parte de moradores, turistas e órgãos competentes;

#### Efeitos ambientais negativos:

- Poluição sonora, visual e auditiva;
- Desmatamento;



- Introdução de espécies animais e vegetais exóticas;
- Prejuízos a espécies animais e vegetais exóticas;
- Aumento na geração de lixo, esgoto e problemas com saneamento básico;
- Ocupação inadequada do solo;

Desta forma, atendendo a alguns aspetos relativos ao turismo no meio natural, deve-se ter uma preocupação acrescida quanto ao impacto destas atividades e das instalações ou infraestruturas criadas, uma vez que, estas devem estar em simbiose com o entorno, com especial atenção para a recolha de lixo e tratamento de esgotos, ou atividades desenvolvidas de acordo que consumam os recursos naturais da comunidade, de forma a minimizar os impactos negativos no meio natural, fruto do desenvolvimento turístico destas regiões.

Assim sendo, os problemas ou benefícios do ecoturismo, vão depender do modo como são potenciados e fiscalizados, uma vez que o turismo em ambientes naturais pode trazer consequências indesejáveis irreversíveis por vezes. Desta forma, uma vez que os efeitos provocados pelos turistas no meio ambiente podem ser distintos, deve partir das entidades recetoras, ter um elevado grau de sensibilização, de modo a reduzir os impactos negativos nestes meios, pois nem todos os turistas possuem a mesma sensibilidade, nem todos os locais as mesmas estruturas. Assim a responsabilidade para que tudo ocorra de forma equilibrada reverte-se para os monitores ou guias bem como para a comunidade que devem assegurar um elevado grau de sensibilização para a preservação do espaço natural de modo a diminuir os efeitos negativos desta atividade.

### **2.3 - Ecoturismo como Instrumento de desenvolvimento Social e Económico**

O Ecoturismo como instrumento de desenvolvimento social e económico tem como principal objetivo gerar benefícios económicos. É importante referir, que este fator desempenha um papel fundamental a nível social nas regiões mais isoladas ou menos desenvolvidas, uma vez que cria novos postos de trabalho, os quais, apesar de por vezes serem em número reduzido, podem representar um número significativo para a comunidade.

Sendo que, a criação de emprego pode gerar benefícios na obtenção de rendimentos para alguns agregados, estes podem dedicar-se a várias atividades como sejam: a restauração, venda de artesanato, guias turísticos etc., onde, por consequência, usufruem de impactos económicos directos, potenciando a sua capacidade para apoiar a manutenção e conservação de zonas protegidas.

De mencionar que, por vezes, de modo a satisfazer as exigências dos turistas pode ser necessário importar produtos, algo que pode diminuir o impacto positivo na comunidade. Contudo, não se verifica este fator com muita regularidade, uma vez que o ecoturista, por norma dá preferência aos produtos locais, gerando assim mais benefícios para a economia da comunidade local em geral.

Em suma, é necessário planear o turismo de modo a potenciar os benefícios locais, aumentando as despesas dos visitantes, nomeadamente, através da compra de artesanato bem como a exportação de iguarias gastronómicas para outros lugares, consciente sempre de, que, a atração de mais visitantes pode gerar impactos negativos com a afluência de turistas, devendo o ecoturismo ser sempre promovido de forma a estimular o desenvolvimento dos destinos e não apenas o seu crescimento económico.

## **2.4 - Impacto produzido pelo ecoturismo na comunidade**

O impacto produzido pelo ecoturismo na comunidade, remete para dois aspetos fundamentais, a preservação dos ecossistemas sem que estes percam a sua identidade, o qual se conjuga com a proteção das áreas envolvidas. Assim como, a evidência dos impactos, que deve permanecer camuflada, de modo a que não seja observada pelos turistas, garantindo assim um padrão de qualidade e excelência quanto as experiências do visitante, zelando sempre pela devida manutenção e integridade dos ecossistemas.

O uso destes lugares naturais com atividades turísticas ocorre pontualmente em determinados lugares, bem como os trilhos, que por são lugares de maior interesse ecológico e paisagístico. Os ecossistemas em causa necessitam de manutenção e cuidados, como anteriormente nomeados para garantir a continuidade dos mesmos, uma vez que, existem sempre ameaças como despejo de lixos, acampamentos em

margens de (ver figura 2.1), ou mesma introdução de espécies exóticas cujas práticas podem originar o desequilíbrio de alguns ecossistemas mais frágeis.



Figura 2.1 Ambientes poluídos e devastados pelo homem

Fonte:

[www.dinamisglobe.org/pt/plantasinvasoras?hashid=9f61408e3afb633e50cdf1b20de6f466&doAction=show](http://www.dinamisglobe.org/pt/plantasinvasoras?hashid=9f61408e3afb633e50cdf1b20de6f466&doAction=show)

Assim, por forma a potenciar estes impactos positivos, e minimizar os negativos, foram desenvolvidos alguns estudos e técnicas que permitem agir por forma a minimizar os mesmos, nomeadamente; Capacidade de carga turística, Gestão do Impacto do visitante (VIM- (visitor impact management)), e a Interpretação da Natureza ou Interpretação Ambiental.

### Capacidade de carga turística

Este conceito, deriva de conceitos científicos, bem como de outras áreas mais peculiares, com o propósito de fazer as melhores intervenções nestes meios. Assim, podemos entender a capacidade de carga turística ou recreativa, como uma atividade que por norma incorpora dois aspetos fundamentais, em primeiro lugar, trata o que diz respeito a preservação da natureza e a gestão devida os recursos naturais, e em segundo lugar, o aspeto dos procedimentos devidos, de modo a proporcionar a melhor qualidade da experiência turística. Desta forma, posso afirmar que a capacidade de carga turística, pode ser contabilizado através da capacidade máxima de pessoas, que determinado local suporta, sem que estes não causem efeitos negativos para a natureza com para a experiencia do turista.

*Estudos de capacidade de carga turística em áreas naturais consideram vários factores de análise, como:*

- *Tamanho da área e espaço utilizável pelo turista;*
- *Fragilidade do ecossistema a ser visitado;*
- *Recursos naturais: numero, diversidade e distribuição das espécies vegetais e animais;*
- *Relevo e hidrografia;*
- *Sensibilidade e mudanças de comportamento de espécies animais diante dos visitantes;*
- *Percepção ambiental dos turistas;*
- *Disponibilidade de infraestrutura e facilidades;*
- *Oportunidades existentes para que os visitantes desfrutem dos recursos.*

*É possível dizer que os níveis de capacidade são influenciados por dois grupos de factores:*

- *Características dos visitantes / turista (quantidade de visitantes, atividades praticadas, etc.);*
- *Características da área de destinação e da população local (nível de dificuldade de acesso, características naturais, grau de isolamento dos habitantes, etc.)*

*Geralmente, numa área com o objetivo de fornecer atividades de lazer aos visitantes, a capacidade de carga é maior do que se ela fosse destinada à educação ambiental.*

*Há dois tipos principais de capacidade de carga turística. Uma refere-se ao espaço físico onde acontece a atividade, a outra é a capacidade de carga psicológica, que diz respeito à sensação que o visitante tem sobre o local, se sente que está cheio demais, ou se o número de pessoas está adequado, ou mesmo baixo. Contudo, no final dos estudos, estabelece-se o número máximo de pessoas que um local pode suportar..."*

Fonte: Livro do aluno, *Ecoturismo*, de Pedro César, Beatriz Stigliano, Sidnei Raimundo e João Nucci", pág.14.

## Gestão do impacto do visitante (VIM)

A gestão do impacto do visitante, é um método desenvolvido sobre o impacto do visitante, embora não se centre na afluência de pessoas a determinado local, mas, contrário da capacidade de carga, centra-se nas potenciais causas que afetam os locais visitados, bem como na seleção das devidas estratégias por forma a minimizar os seus impactos negativos. Assim, este método centra-se na: **fonte?**

*"- Identificação do problema e seu estado ou condição,*

*- Determinação das causas potenciais,*

*- Seleção das estratégias de manejo (gestão) potenciais."*

Fonte: Livro do aluno, Ecoturismo, de Pedro César, Beatriz Stigliano, Sidnei Raimundo e João Nucci", pág.14 .

Sendo que esta técnica tem como objetivo regular os impactos causados pelos visitantes dentro dos níveis toleráveis, partindo dos critérios acima descritos, verifica-se a necessidade de estabelecer indicadores de impacto, uma vez que o VIM se centra nas relações entre o impacto e os padrões de visita. Desta forma, verifica-se que os indicadores a ter em conta podem ser traduzidos nos seguintes parâmetros;

*- Indicadores físicos: propriedade do solo, ou número de erosão numa trilha;*

*- Indicadores biológicos; quantidade de bromélias (Figura 7) ao longo de uma trilha, proporção de espécies exóticas (de fora do local);*

*- indicadores sociais: número de encontros de visitantes numa trilha ou atrativo, grau de satisfação;*

Fonte: Livro do aluno, Ecoturismo, de Pedro César, Beatriz Stigliano, Sidnei Raimundo e João Nucci", pág.15



Figura 2.2 - Indicadores biológicos; quantidade de bromélias (web x)

Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/14.162/5207>,

Deste modo, por forma a determinar um número certo de indicadores, o VIM pretende realizar a monitorização destes locais a fim de verificar os impactos causados pelas atividades praticadas nestes meios, como por exemplo; passeios a pé, passeios de bicicleta, ou mesmo a cavalo, como forma de preservar a originalidade destes locais. Assim sendo, após a verificação e determinação destes problemas, o VIM (visitor impact management), procura encontrar as soluções ideais, para que a preservação destes meios naturais e culturais, sem que, a solução passe pela redução de visitas.

### Interpretação da Natureza ou Interpretação Ambiental

A interpretação da Natureza ou Ambiental, tem como diretrizes um conjunto de técnicas, para certificar a experiência do visitante. Desta forma, esta experiência pode ser enriquecida através da cedência de informações, relativas às características da natureza, e da cultura dos locais em causa.

Estas ferramentas têm como principal objetivo uma melhor compreensão do entorno, bem como o que está ser vivenciado pelo turista, relacionando o sentido da interpretação com a experiência. Uma vez que, a interpretação do ambiente ou da natureza pode ser de foro pedagógico, esta pode ser adaptada e flexível as várias

situações, pois o principal objetivo desta ferramenta, visa esclarecer os fenômenos da natureza, em linguagem adequada e acessível.

Desta forma, podem ser usados diversos meios auxiliares para a devida exposição dos factos aos visitantes, como por exemplo; transmissão de vídeos didáticos, placas informativas ao longo dos trilhos e roteiros turísticos, formação de guias, criação de mapas e folhetos entre outras medidas, sendo que estas devem sempre fazer a devida contextualização com o entorno.

*Porem, seja qual for o meio utilizado, é importante que ele respeite alguns princípios, tais como:*

- *Qualquer interpretação que não relaciona, de alguma forma, o que se está exibindo ou descrevendo, com algo da personalidade ou experiência do visitante será de difícil entendimento;*
- *A interpretação inclui informação;*
- *A interpretação é uma arte e pode ser ensinada;*
- *O propósito principal da interpretação é a provocação, ou seja, avivar a curiosidade e o interesse;*
- *A interpretação dirigida a crianças deve ter programas e apresentações específicas, relacionadas à faixa etária e ao desenvolvimento cognitivo;*
- *A interpretação deve apresentar os fenômenos em sua totalidade, evitando apresentar partes isoladas dele. Por exemplo: falar da árvore, mas não contextualizar o ambiente em que ela se instalou; sua relação com o clima, com o solo e a utilização humana da árvore.*

Fonte: Livro do aluno, Ecoturismo, de Pedro César, Beatriz Stigliano, Sidnei Raimundo e João Nucci", pág.15

Em suma, a interpretação ambiental, tem como diretriz aumentar o valor da experiência do ecoturista, uma vez que esta procura evidenciar as relações entre os elementos naturais que a caracterizam. Este fator permite criar inter-relações mais próximas entre o turista e o meio natural, o que torna a experiência mais interessante, pois os turistas envolvem-se mais com o meio, o que faz com que o turista aprenda a valorizar e a entender melhor os locais visitados, com menos

impactos nocivos para o meio natural e assumindo uma postura de respeito, criando maior envolvimento com o turista e o meio natural, podendo até permitir que experiências diretas que potenciem processos de aprendizagem.

## 2.5 - Casos de estudo (exemplos / Boas prática);

### A "Pedras Salgadas spa & natural park" - Parque Pedras Salgadas

O parque Pedras Salgadas Spa & Nature park, é um empreendimento turístico de 4 estrelas, localizado na zona norte de Portugal, com uma altitude relativa de 580 metros acima do nível do mar, no concelho de Vila Nova de Aguiar. Este parque é composto por 20 hectares com cerca de 8 km de trilhos na natureza, que permanecem intacta, um Spa termal executado pelo arquiteto Siza Vieira, e as Eco Houses projetadas pelo arquiteto Luís Rebelo de Andrade.

Este *resort*, pretende potenciar os valores do parque natural em que se insere, de acordo com o percurso natural das suas fontes termais. Este parque conta com uma alameda principal, que nos dá acesso às várias infraestruturas de apoio como; Casa do Chá (Restaurante), a piscina exterior, court de ténis, park infantil, alojamento,



Figura 2.3 - Planta geral do parque (web x)

Fonte: web x- [www.pedrassalgadaspark.com](http://www.pedrassalgadaspark.com)



## Alojamento

### Eco Houses

O arquiteto responsável pela execução destes módulos habitacionais, teve como diretriz reduzir o impacto no meio natural, com a construção de casas pré fabricadas cuja sua implantação não resulta em muita área de impermeabilização do terreno, assume assim a natureza na sua base, enaltecendo o repouso e harmonia com o parque.

Assim sendo existem 2 tipologias distintas para alojamento nomeadamente; *Eco houses deluxe*, e as *Tree houses*

### *"Eco houses Deluxe e Superior"*

São alojamentos com cerca de 62 m<sup>2</sup> e 44 m<sup>2</sup> respetivamente, compostas por, 1 quarto de casal e 1 sofá na sala, com ocupação base em ambas para 2 pessoas, e possibilidade de reforço de duas camas extra



Figura 2.4- Tipologia de alojamento

Fonte: <http://www.pedrassalgadaspark.com/pt/alojamento/plantas-eco-houses>

### Todas as Eco House dispõem de:

- Ar condicionado
- Interne sem fios
- TV led; Cofre
- Máq. Lavar loiça

- Micro-ondas
- Máq. De café
- Estacionamento
- Lavandaria
- etc.

### Tree Houses / Casas da Árvore

As casas da árvore (Figuras abaixo), surgem da vontade do arquiteto de criar uns elementos que fossem no encontro das casas de árvore tradicionais, muito embora estas se desenvolvam como um objeto ortogonal assente sobre umas estacas prefabricadas, cuja função serve para não impermeabilizar o solo, uma vez que não se pretende um impacto negativo no meio natural com a implantação destas. Desta forma verifico que mesmo os materiais escolhidos para a construção destas foram cuidadosamente escolhidos por forma a utilizarem a matéria-prima característica do local como; a ardósia e a madeira, reforçando assim a sustentabilidade e ecologia no execução deste projecto.



Figura 2.5 - Tipologia de alojamento Eco House

#### **Todas as Tree Houses dispõem de:**

- 2 janelas para o exterior
- 1 claraboia
- 1 wc dividido em 2 partes
- 1 kicthnet
- 1 cama de casal
- 1 sofá

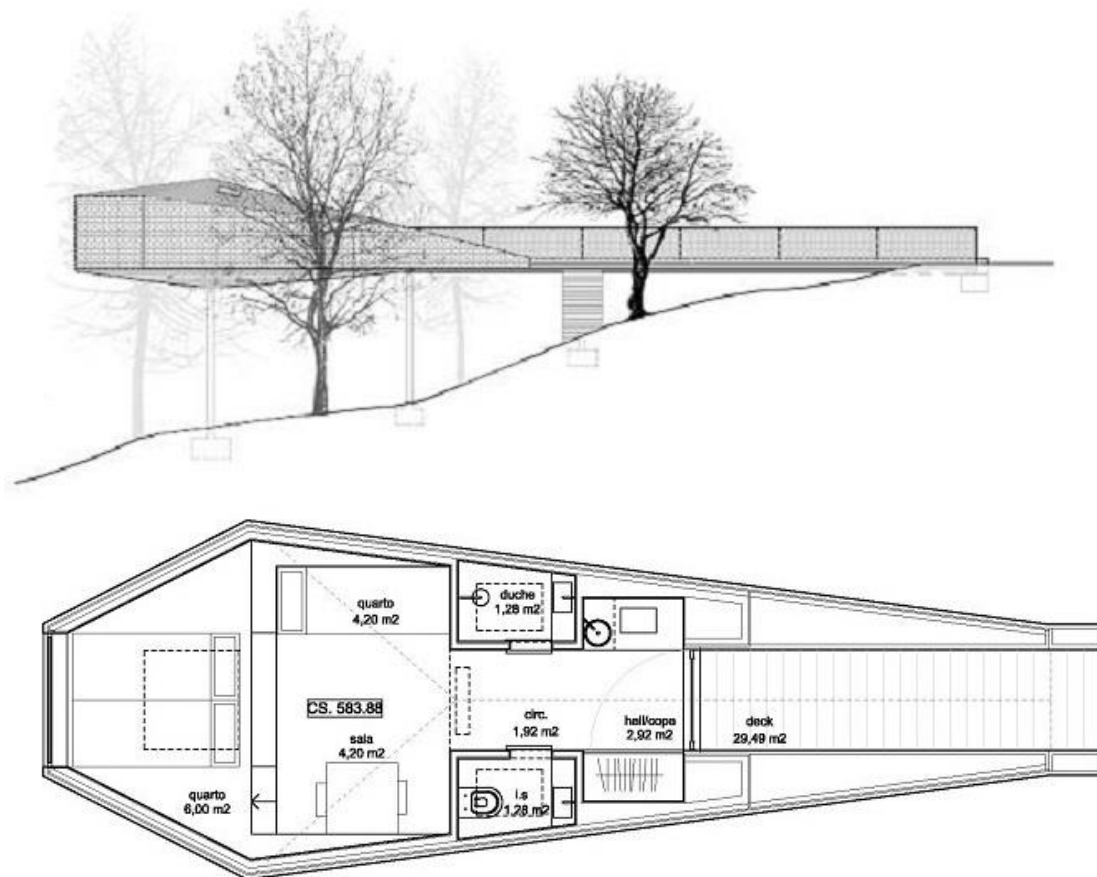


Figura 2.6 - Planta da Tree House

Fonte: <http://www.pedrassalgadapark.com/pt/alojamento/plantas-tree-houses/>

## Atividades / Lazer

### Salão de eventos

Casino das pedras salgadas é um edifício que foi remodelado em 2013, que está apto para receber eventos de todo tipo, tais como, casamentos, congressos, espetáculos ou mesmo exposições Figura 2.7



Figura 2.7 - Salão de eventos

O edifício é composto por :

- 1 salão principal com palco capacidade para 350 pessoas
- 3 salas de apoio com capacidade para 80 pessoas

Fonte: fig. 11 <http://www.pedrassalgadapark.com/pt/casino/casino-de-pedras-salgadas/>

### Spa termal

O spa termal situa-se num antigo edifício balneário, que disponibiliza 7 tratamentos termais com a duração de 7 e 14 dias respetivamente, figuras abaixo.



Figura 2.8 - Tipologia de programas termais.

Fonte: fig.2.8 <http://www.pedrassalgadapark.com/pt/spa-termal/termal/programas-termais-2/>

### Piscina exterior

Este espaço, desenvolvido pelo arquitecto Siza Vieira, localiza-se no interior do parque e é composto por 2 piscinas, uma para adultos e outra para crianças, as quais se encontram abertas durante a época balnear. Com uso exclusivo para os utentes do *resort* com acesso a um bar exterior com vários serviços, figura abaixo.

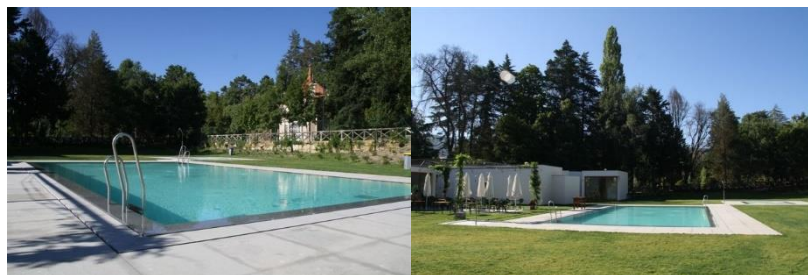


Figura 2.9 - Piscina exterior

## Arborismo

*Esta modalidade praticada no resort das Pedras Salgadas Spa & Nature Park, tem como desafio, ultrapassar vários obstáculos. Entre "plataformas posicionadas nas copas das árvores - pontes suspensas, cordas, redes, túneis de árvore para árvore e muito mais! O circuito foi totalmente integrado na paisagem, de forma a respeitar as árvores e o meio ambiente.*

*Tudo o que precisa para esta desafiante aventura é ser equipado com um arnês, que lhe permite andar de árvore em árvore com toda a segurança. O percurso é consigo, mas garantimos que chegará ao fim a sentir-se espetacular! A experiência ao ar livre está repleta de adrenalina e permite ultrapassar diferentes obstáculos, enquanto convidar, de forma segura, a arriscar os seus próprios limites. É também, por esse motivo, uma atividade excelente para realizar em grupo. O melhor?! Não precisa de ter nenhuma preparação física específica. Desafie os seus amigos e venha divertir-se num cenário radical em total segurança."*



Figura 2.10 - Arborismo

Fonte: <http://www.pedrassalgadapark.com/pt/atividades/arborismo>

Em suma, verifica-se que esta região, Trás-os-Montes e Alto Douro, reúne as condições perfeitas, para esta atividade turística ter sucesso, uma vez que, esta região dispõe de inúmeras iguarias, como; Vinho do Porto, os enchidos, o presunto, os folares e bolas os frutos característicos da região; maçã, a castanha e cogumelos ou mesmo o azeite e o mel, são factores determinantes que, aliados ao *resort* das Pedras Salgadas e em simbiose com a natureza e todo o património arquitetónico e cultural, proporcionam excelentes condições para o sucesso desta atividade. Sendo

que, é sempre de realçar que deve existir sempre um cuidado extremo, em preservar o espaço natural de modo a não causar impactos negativos na natureza.

### B Zmar eco campo- Odemira

O "Zmar eco campo", está localizado no litoral alentejano, junto do Parque Natural do SW Alentejano e Costa Vicentina, no concelho de Odemira com cerca de 81 hectares ao seu dispor figura abaixo.



Figura 2.11 - Zmar eco campo

Este empreendimento, reflete extremo cuidado no que diz respeito ao turismo sustentável, como comprovam os 8 prémios nacionais, 4 prémios internacionais e a sua certificação pela TUV Rheinland como Eco-Hotel figura . 15, sendo que, se verifica nestes prémios o empenho e compromisso do empreendimento, que derivam em grande parte do desempenho do centro de interpretação ambiental, de workshops e outras ferramentas que possuem.



Figura 2.12 - Certificação TUV Rheinland

Fonte: <http://www.zmar.eu/pt/eco-hotel/3596.htm>

Este fator, leva a que exista uma enorme adesão por parte dos turistas, envolvendo os mesmos em processos como separação dos lixos, entrega dos óleos, pilhas etc, o que ajuda, na transmissão da mensagem ecológica e a obterem um enorme contributo local no que diz respeito ao desenvolvimento económico da região. De acordo com...

*"A certificação como Eco-Hotel só se conseguiu com o trabalho de toda a equipa e de uma forma muito simples que passa por envolver todos os colaboradores, para que de algum modo possam dar o seu contributo por mais pequeno que seja. Todas as pessoas são importantes neste processo, trabalhando para conseguir uma equipa coesa e com os mesmo objetivos."*

Fonte: <http://www.zmar.eu/pt/eco-hotel/3596.htm>, A equipa do Zmar.

O empreendimento, é composto por várias tipologias de alojamento e inúmeros serviços e atividades no Zmar eco campo, sendo que ainda dispõe de uma zona de eventos no Zmar Eco Campo. Tendo, contudo uma preocupação acrescida no que diz respeito ao impacto no meio natural, pois as edificações surgem através de estacas em madeira (de florestas certificadas) assentes no solo, por forma, a não criarem efeitos negativos com a impermeabilização dos solos, entre outras soluções, como o uso de carros elétricos dentro do empreendimento os quais não emitem CO<sub>2</sub>, ou mesmo a separação de lixo, feita através de uma central de transferência onde se faz a gestão e separação dos resíduos.

## Alojamento

O Zmar eco campo, dispõe de 126 bungalows sustentáveis, dominados pela madeira no exterior e no interior, compreendidos pelas tipologias por T1, T2 e T3. Sendo que o *resort*, também dispõe de um parque de campismo apelidado de, "Nature Experience" onde existem várias opções para camping.

Os bungalows, estão todos equipados com os eletrodomésticos essenciais como, frigorífico, placa elétrica, micro ondas, e painel solar térmico para o aquecimento das águas de wc.



## Zmóveis

Este módulos estão pensados para albergar dois adultos e uma criança, com uma área de 20 m<sup>2</sup> está equipado com;



Figura 2.13 - Planta e Imagem de Zmóveis.

Fonte: <http://www.zmar.eu/pt/zmovei/30.htm>

- 48 Zmoveis c\ Quarto com cama casal ou 32 Zmoveis c\ Quarto com 2 camas ind.
- Wc com duche
- Sala - climatizada com TV satélite
- Kitchenette
- Painel solar

## Zvilla

Zvilla fig. 17 s é uma casa, cuja intenção era estabelecer fortes ligações com o entorno, daí verificar que existem maiores vãos, para permitir a entrada de muita luz natural e desfrutar da envolvente. Com a área de 40 m<sup>2</sup>, têm capacidade máxima para 6 pessoas, cada, sendo que existem 9 destes módulos e incluem 2 bicicletas e 2 circuitos Zpa entre outras ofertas cada uma delas, é constituída por;



Figura 2.14 - Planta e Imagem de Zvilla.

- Kitchenette
- Painel solar
- Cofre

## Zchalets

Já nos Zchalets existem três modalidades um pouco distintas, as 8 Zchalets , e as 21 Zchalets Family ambas com 32 m<sup>2</sup>, e ainda 8 Zchalets adaptados, para pessoas com dificuldades motoras.

Zchalets - capacidade max. para 4 pessoas



Figura 2.15 - Planta de Zchalet.

- 2 Quartos: 1 com cama de casal e outro c/ 2 camas ind.
- Wc com duche
- Sala - climatizada com TV satélite
- Kitchenette
- Painel solar
- Cofre

### Zchalets Family - capacidade max. para 6 pessoas



Figura 2.16 - Zchalets Family.

- 2 Quartos: 1 com cama de casal e outro com beliches
- Wc com duche
- Sala - climatizada com TV satélite
- Kitchenette
- Painel solar
- Cofre

### Zchalets Adaptados - capacidade max. para 4 pessoas



Figura 2.17 - Zchalets Adaptados.

- 2 Quartos: 1 com cama de casal e outro com beliches
- Wc adaptada
- Sala - climatizada com TV satélite
- Kitchenette
- Painel solar
- Cofre

Figuras 2.15; 2.16; 2.17. - fonte: <http://www.zmar.eu/pt/zchalet-adaptado/2543.htm>

## Zmonte

Zmonte é uma nova aposta do Zmar eco resort, para casas de férias ou de fim de semana, onde os turistas podem adquirir uma casa com as características que pretende, pagando uma mensalidade. Estas podem variar pelas tipologias de T1 a T3, sendo que estas se dividem em dois tipos; Zmonte Sobreiro e Zmonte Lago;

### Zmonte Sobreiro

Zmonte Sobreiro #2 e #3 - capacidade max. 4 pessoas



Figura 2.18 - Zmonte Sobreiro.

- 2 Quartos 1 com cama de casal e outro com 2 camas ind.
- Wc com duche
- Sala - climatizada com TV
- Kitchenette
- Painel solar

Zmonte Sobreiro #5, Zhome 5 - capacidade max. 6 pessoas

- 2 Quartos 1 com cama de casal e outro com beliches
- Wc adaptada
- Sala - climatizada com TV satélite
- Kitchenette
- Painel solar

## Zmonte Sobreiro #25 - capacidade max.8 pessoas



Figura 2.19 - Zmonte Sobreiro #25.

- 3 Quartos
- 1 suite com wc
- 1 quarto com 2 camas (1 em gavetão)
- outro com 2 beliches
- Wc com duche
- Sala - climatizada com TV satélite
- Kitchenette
- Pannel solar
- Deck exterior com área de estar para 10 pessoas

### Entre outras tipologias, como;

- Zmonte Sobreiro #7,
- Vila soca;
- Zmonte Sobreiro #11,
- Villa Sobreiro 1;
- Zmonte Sobreiro #14,
- Znatura; Zmonte
- Sobreiro #18,
- Pura Vida;
- Zmonte Sobreiro #22,
- Zmoments;

- Zmonte Sobreiro #23,
- Vila Flor;
- Zmonte Sobreiro #24,
- Monte sudoeste;
- Zmonte Sobreiro #26,
- Zé Marias;
- e Zmonte Sobreiro #34.

### Zmonte Lago

Zmonte Lago # 45 - Villa Monte - capacidade max. 2 adul. e 2 crian.



Figura 2.20 - Zmonte Lago #45 - Villa Monte.

- 2 Quartos: 1 com cama de casal e outro com beliches
- Wc com duche
- Sala - climatizada com TV satélite
- *Kitchenette*
- Painel solar
- *Deck* exterior com área de estar

Zmonte Lago # 46 - Capacidade para 6 pessoas



Figura 2.21 - Zmonte Lago #46.

- 3 Quartos
- 1 Suite com wc e cama de casal
- 1 Quarto com 2 camas (1 em gavetão)
- Outro com 2 beliches
- Wc com duche
- Sala - climatizada com TV satélite
- *Kitchenette*
- Painel solar
- *Deck* exterior com area de estar

Figuras 2.19; 2.20; 2.121. -

Fonte:<http://www.zmar.eu/files/11d6852223dfd7908855690066e372348b0244bf.pdf>

### Znature experience

Znature experience, é um espaço dedicado ao campismo sustentável, com espaços delimitados que chegam aos 90 m<sup>2</sup>, cujas áreas podem comportar autocaravanas e tendas com (ver figura 2.22) ou sem sombras. Este espaço, ainda oferece Balneários (ver figura 2.23) com possibilidade de alouer de wc´s privativos e copas comunitárias equipadas com alguns electrodomesticos.



Figura 2.22 - Zona Camping Znature Experience

Fonte: <http://www.zmar.eu/pt/alveolo-com-sombra/3843.htm>



Figura 2.23 - Balneário Znature Experience

fonte: <http://www.zmar.eu/pt/balnearios/2160.htm>

### Actividades / Lazer

Neste empreendimento, verifica-se que existem inumeras atividades para satisfazer os turistas, embora, tenham especial atenção para as crianças. Uma vez que, aqui, existe uma área destinada aos mais pequenos com inumeros brinquedos didáticos em madeira e materias naturais incorporados na paisagem. Contam com cerca de 2,5 hectares de espaço livre para diversão ou mesmo a realização de alguns eventos fig. 33 e 34. *"Existe ainda uma Casa Kidz fig.35, com Ateliers & workshops, onde os mais pequenos poderão aprender a reciclar e reutilizar materiais nos mais diversos trabalhos."*



Figura 2.24 - Zmar eco campo.



Ainda dedicado aos mais novos, o Zmar eco campo, oferece uma experiência única, que passa por alimentar (ver figura 2.25) como; burros, cabras, ovelhas, gansos e araras, e dá a conhecer as crianças, os hábitos alimentares destes através de pessoas formadas, como comprova o certificado conquistado pelo resort (ver figura 2.26).



Figura 2.25 - Zmar eco campo, experiências com animais.

Fonte: <http://www.zmar.eu/pt/hora-de-alimentar-os-animais/3711.htm>



Figura 2.26 - Certificado de Educação Ambiental

fonte: <http://www.zmar.eu/pt/kidz/3.htm>

Já no que diz respeito às restantes atividades dedicadas às outras faixas etárias o Zmar eco campo, dispõe de um campo polidesportivo, 2 campos Ténis ao ar livre e 2 campos de *Padle* cobertos, para os amantes de desporto.

De modo geral verifica-se que, o *resort* tem ao dispor inúmeras atividades de como; matraquilhos humanos, arborismo, percursos pedestres, para os quais existe também a possibilidade de alugar bicicletas. *"E porque todos os atletas procuram no final do treino o merecido descanso, o Zmar dispõe igualmente de um Zpa com piscina de hidromassagem, jacuzzi, sauna e banho turco, assim como um conjunto de salas para tratamentos corporais."*

Fonte: <http://www.zmar.eu/pt/sport-experience/5043.htm>,

Estes factores, aliados as restantes infraestruturas como; Parque aquático com piscina exterior (ver figura 2.27) (com 100 metros de comprimento) e uma piscina de ondas interior, o restaurante e a zona de Eventos (ver figura 2.28; 2.29) com capacidade para 1000 pessoas, revelam-se atividades verdadeiramente estimulantes para os eco-turistas, garantido com elas o sucesso do resort bem como, um factor determinante no desenvolvimento economico e social desta região.



Figura 2.27 - Piscinas

Fonte: <http://www.zmar.eu/pt/parque-aquatico/1388.htm>



Figura 2.28 - Restaurante

Fonte: <http://www.zmar.eu/pt/alimentacao/1414.htm>



Figura 2.29 - Zona de eventos

Fonte: <http://www.zmar.eu/pt/eventos/5.htm>

## **Parte II: Plano estratégico para desenvolvimento do ecoturismo no concelho de Montemor-o-Velho.**

# **Capítulo III - O concelho de Montemor-o-Velho, como um espaço de desenvolvimento do Ecoturismo.**

### **3.1 - Breve análise do Concelho**

#### **3.1.2 - História**

Montemor-o-Velho, vila e município, pertence ao distrito de Coimbra, este concelho desenvolve-se ao longo dos campos do Baixo Mondego, desde o período Neolítico, como comprovam algumas construções nele presentes e alguns documentos com referência à existência do castelo no séc. IX. Altura em que, Ramiro I das Astúrias, Rei de Leão, conquista o castelo de Montemor-o-Velho, e entrega a vila, o castelo e o governo a seu sobrinho Abade João do mosteiro de Lorvão. Mais tarde, na era de 985, Almançor, califa de Córdoba, apelidado de "açóite de Deus" ordena o ataque de seus exércitos às terras cristãs, destruindo Montemor-o-Velho, Coimbra e Viseu entre muitas outras povoações, por toda a península ibérica.

Embora este, tenha voltado a ser reconquistado, Montemor-o-Velho com o seu castelo mourisco fig. 42, confrontado pelos árabes, a sul do Mondego, vê-se definitivamente reconquistado pelos cristãos em 1034, feito reclamado por D. Fernando I (o Magno de Leão), comandado pelo exercito chefiado por D. Gonçalo Transtamires, que conquista a vila, toma o seu governo como oferenda e forma de agradecimento do seu Rei, após o feito heroico na sua reconquista definitiva.



Figura 3.1 - Castelo de Montemor-o-Velho.

Fonte: [http://www.cm-montemorvelho.pt/roteiro\\_turistico\\_montemor\\_o\\_velho.htm](http://www.cm-montemorvelho.pt/roteiro_turistico_montemor_o_velho.htm)

*"Quando reinava Castela, D Afonso (pai de D. Tereza e avô de D. Afonso Henriques) em 1088 o castelo e a vila foram reedificados, povoados e defendidos por cristãos, após diligências do conde D. Raimundo de Borgonha, genro de D. Afonso VI e pelo famoso governador de Coimbra, o conde D. Sisnando.*

*D. Sancho I por testamento deixou o senhorio da vila e outras terras às filhas, as infantas D. Sancha e D. Tereza o que motivou queixas e "contendas" de D. Afonso II pelo facto do pai descapitalizar a Coroa com esta cedência às irmãs e criar dificuldades de sobrevivência conveniente ao reino.....",*

Fonte: livro; *Concelho de Montemor-o-Velho, "A Terra e a Gente" de Correia Góis, 1995*

Após as desavenças, já em Maio de 1212, foi atribuída por D. Tereza e D. Branca a concessão de Foral a Montemor-o-Velho, que por sua vez volta a ser renovado, com maior autonomia administrativa e mais abrangente, em 20 de agosto de 1516 sec. XVI, por D. Manuel I.. Plano que refere a extrema importância deste concelho na atividade económica da região, uma vez que as atividades agrícolas praticadas junto às margens do rio Mondego, era uma região fundamental, e estratégica para todo o desenvolvimento e abastecimento do país, nesta altura este rio era navegável e tornava fácil a distribuição de todos os produtos.

Com este fator, a vila começa a denotar um crescimento acentuado, criando mais prosperidade em toda a sua região, altura em que começam a surgir os, Solares,

Igrejas, Ermidas, conventos e cruzeiros, como se verifica em manuscritos e obras que tão bem caracterizam estes factos, nomeadamente;



Figura 3.2 - Solar das Pinas, MMV

Fonte; <http://www.panoramio.com/photo/32264582>



Figura 3.3 - Igreja de Santa Maria da Alcáçova no Castelo de Montemor-o-Velho



Figura 3.4 - Ermida de St. Onofre (ruína), Póvoa de Santa Cristina

*"...Deparamos, pois, nos séculos XII e XIII, e sobretudo neste último, com uma vasta empresa de arroteamentos e colonização. Sucodem-se os contratos coletivos "ad populandum" e "ad laborandum". As florestas e pântanos cedem lugar aos terrenos de cultura. Dura é a tarefa de derrubar as árvores, quebrando o silêncio da floresta, esse espaço a um tempo sagrado e temido, refúgio de divindades ou foras da lei. Duro é igualmente o esforço de dominar as águas do rio e enxugar os terrenos alagados..." (Coelho; 1992, pág. 262 e 263)*

Mais tarde, com a distinção da Figueira da Foz como vila em meados dos séc. XVII, e com o assoreamento do rio Mondego, começa a surgir alguma decadência do município, embora este fator, venha a dar lugar mais tarde a um novo surto de desenvolvimento com a revolução do arroz, com a introdução do seu cultivo, a produção deste não para de aumentar, tornando-se até aos dias que correm uma das principais fontes de riqueza do concelho.

*"As "terras de Montemor" são profícuas na preservação e defesa dos pergaminhos ancestrais e apesar de militar numa região essencialmente agrícola prodigalizou ao longo dos séculos avultada produção de homens e mulheres ilustres*

*em todas as áreas da intervenção social desde a agricultura a ofícios mecânicos, artes e ciências, letras e eclesiásticos, pescas e militares, jornaleiros e domésticas, etc., Etc. Todos a contribuir para a honra e dignificação do torrão natal - o concelho de Montemor-o-Velho." (Góis; 1995, pág. 14)*

No séc. XIX e XX, a população de Montemor começa a estabelecer-se nas encostas do Castelo, apesar das grandes cheias, fruto da subida das águas do Mondego e por aí começam a proliferar. Na década de 70, de modo a industrializar esta região, procederam-se a vários trabalhos como a regularização do caudal do rio, criando paredes vegetais para contenção das águas e prevenção de inundações das populações vizinhas, podendo assim, usufruir do emparcelamento dos campos e a consequente rega através de canais de irrigação, que ainda se mantêm até a presente data.

#### Figuras ilustres do Concelho;

Diogo de Azambuja (1432 a 1518 ), cavaleiro, capitão-mor e Alcaide - Mor  
Fernão Mendes Pinto ( 1510 a 1583 ) - "...Foi mercador, soldado, embaixador, homem de Deus, mas também salteador, curandeiro e muitas vezes cativo..."

Fonte: [http://www.cm-montemorvelho.pt/figuras\\_ilustres.htm](http://www.cm-montemorvelho.pt/figuras_ilustres.htm)

Jorge de Montemor (1520/24 a 1561) - Poeta e músico;  
António Correia da Fonseca e Andrade (1648 a 1717), Procurador, vereador, capitão-mor, juiz das valas, etc...

Fonte: [http://www.cm-montemorvelho.pt/figuras\\_ilustres.htm](http://www.cm-montemorvelho.pt/figuras_ilustres.htm)

Francisco de Pina e Melo (1695 a 1773) - Poeta  
Manuel de Macedo (1839 a 1915) - Ilustrador, cenógrafo, e fundador da revista "O Ocidente"  
Esther de Carvalho (1858 a 1884) - Atriz e empresária  
Manuel Jardim (1884 a 1923) - Artista, Pintor  
Afonso Duarte (1884 a 1958) - Poeta, Professor e escritor  
Angelino Gomes Ferrão (1909 a 1994) - músico, professor de música e compositor

António Alves Barbosa, nasceu a 24 de dezembro de 1931 - ciclista, jornalista, actor.

### Lendas e cânticos

#### **“A lenda das arcas”**

*“Entre escombros, na rudeza  
da vetusta fortaleza,  
batidas do vento agreste,  
empedernidas, cerradas,  
há duas arcas pejudas  
uma d’ouro, outra de peste.*

*Ninguém sabe ao certo qual  
das duas arcas encerra  
o fecundo manancial,  
que fartará d’ouro a terra  
mesquinha de Portugal,  
ou qual, se mão imprudente  
lhe erguer a tampa funérea,  
vomitará de repente  
a fome, a febre, a miséria,  
que matarão toda a gente!*

*E nestas perplexidades  
e eternas hesitações,  
têm decorrido as idades,  
têm passado as gerações;  
nas guerras devastadoras,  
nas lutas brutais e ardentes  
entre as raças invasoras  
e as povoações resistentes.*

*Nunca romanos nem godos,  
nem árabes, nem cristãos,*



*duros na alma, e nos modos,  
rudes no aspecto e no trato,  
chegaram ao desacato  
de lhe tocar com as mãos.*

*Sempre que o povo faminto,  
maltrapilho ou miserando,  
fosse ele cristão ou moiro  
entrou no tosco recinto  
para salvar-se, arrombando  
a arca pejada de oiro,*

*Quedou-se, os braços erguidos,  
a olhar atónito e errante,  
sem atinar de que lado  
vinha morrer-lhe aos ouvidos  
uma voz de agonizante,  
entre ameaças e gemidos:  
- Ó Povo de Montemor,  
se estás mal, se és desgraçado  
suspende, toma cuidado,  
que podes ficar pior!*

*E nestas perplexidades,  
e eternas hesitações,  
hão-de passar as idades,  
suceder-se as gerações,  
e continuar na rudeza  
da vetusta fortaleza,  
batidas de vento agreste,  
empedernidas, cerradas,  
as duas arcas pejadas,  
uma d'oiro outra de peste."*

*Conde de Monsaraz*

Fonte: [http://montemor\\_a\\_mexer.blogs.sapo.pt/1645.htm](http://montemor_a_mexer.blogs.sapo.pt/1645.htm)

### **“A lenda de Maiorca vs Montemor “**

Reza a lenda que, os montemorenses e os maiorquinos tinham uma rivalidade, que dizia respeito á altitude a que cada vila estava situada, pois cada qual dizia que estava mais alto em relação ao outro, para irritar os maiorquinos os montemorenses gritavam; " *Monte... Mor! Monte... Mor! ao que os de maiorquinos respondiam; Maior... cá! Maior... cá!*

Posso ainda referir mais lendas existentes, como a Lenda da Moura, a Lenda do Sacrário e a Lenda do Abade, tão bem descritas no livro de autor; "Terras de Montemor-o-Velho, Camara Municipal de Montemor-o-Velho, de A. Santos Conceição, 1992."

### **“Cantares da Terra de Pomares”**

*"Sendo os vales do Mondego tão amenos, também os citrinos frutos das diversas espécies do género citrus, são mencionados consoante os campos do Mondego onde ora são cultivados. Assim a canção popular diz..."*

*"Ò Coimbra das laranjas,  
Ó Montemor dos limões,  
Adeus Maiorca das Limas,  
Figueira dos corações"..."*

Fonte: livro; Baixo Mondego, Região e património; pág. 117 a pág 122

### **“Cantigas de trabalho”**

*"Como em qualquer trabalho agrícola, muitas das vezes para atenuar a tristeza ou a dor, "quem canta seus males espanta" diz o velho ditado, cabia normalmente às mulheres, o papel de animadoras do grupo, cantando versos que ultrapassaram gerações.*

*Já os campos se alegram  
Já correm os regadinhos  
Já os campos se alegram  
Já cantam os passarinhos."*

Fonte: Livro de; Associação dos Agricultores do Vale Mondego, Saberes e Sabores do Arroz carolino do Baixo Mondego, por Irene Vaquinhas

Na edição acima referida, pode-se presenciar, mais cânticos característicos das gentes da terra, que tão bem caracteriza os seus ofícios.

### **3.1.3 - Demografia**

Montemor-o-Velho, é uma das 11 freguesias fig. 46 do seu município, que se estende por uma área de 229.0 km<sup>2</sup>, caracterizado pelos campos férteis do Baixo Mondego, é designado como uma área NUTS III (Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins estatísticos, constituído por 30 unidades). O seu posicionamento estratégico, entre Coimbra (Este, E) e Figueira da Foz (oeste, W) sempre foram fortes benefícios para esta região, uma vez que Coimbra, já conta com este concelho desde as épocas remotas de D. Sancho I, onde faziam uso dos campos, para cultivo de alimentos como; Milho "Maiz", linho, trigo ou mesmo a criação de gado, para abastecimento das famílias aristocratas. Por sua vez a Figueira da Foz, após a decadência dos inícios do séc. XVII e seco. XVIII em que ganhou o estatuto de vila, revela mais tarde um fator importante com o desenvolvimento balnear, datado dos finais do séc. XIX.

Montemor-o-Velho, por esta altura, com a introdução da cultura de arroz e as restantes atividades agropecuárias, verifica algum crescimento, preservando estes valores. O que resulta no aumento da esperança média de vida, do bem estar da população. Embora, se verifique desde 1981 uma diminuição da densidade populacional concelhia, consequência da diminuição de população em Montemor-o-Velho, pois os níveis de fecundidade, têm-se revelado baixos devido a conjuntura desfavorável, o que leva também a aumentos de movimentos migratórios por parte dos jovens ativos e por sua vez ao envelhecimento populacional.

Montemor-o-Velho conta com 3.154 habitantes na sua freguesia, o concelho tem cerca de 26.171 pessoas, á data de 2011, numero que tem vindo a aumentar nos últimos anos, fruto de alguns factores de desenvolvimento do município, como as atividades agrícolas e alguma industrialização. Unicamente as freguesias de Montemor-o-Velho e Santo Varão, registaram aumentos populacionais nos últimos anos em todas faixas etárias, ao contrário das freguesias de Abrunheira, Ereira, Verride e Vila Nova da Barca que têm registado um envelhecimento acentuado da população.

<u>Indicador Estatístico</u>	<u>valor</u>
Concelho Montemor-o-Velho	
População Residente (Total)	26 171
População Residente (Homens)	12 329
População Residente (Mulheres)	13 149
População Presente (Total)	24 485
População Presente (Homens)	11 637
População Presente (Mulheres)	12 848
Famílias Clássicas Residentes	8 941
Famílias Institucionais	7
Núcleos Familiares Residentes	7 988
Alojamentos Familiares - Total	10 592
Alojamentos Familiares, Clássicos	10 538
Alojamentos Familiares, Outros	54
Alojamentos Coletivos	12
Edifícios	10 051



Figura 3.5 - Concelho de Montemor-o-Velho

Fonte: [http://www.cmmontemorvelho.pt/concelho\\_montemor\\_o\\_velho.htm](http://www.cmmontemorvelho.pt/concelho_montemor_o_velho.htm)

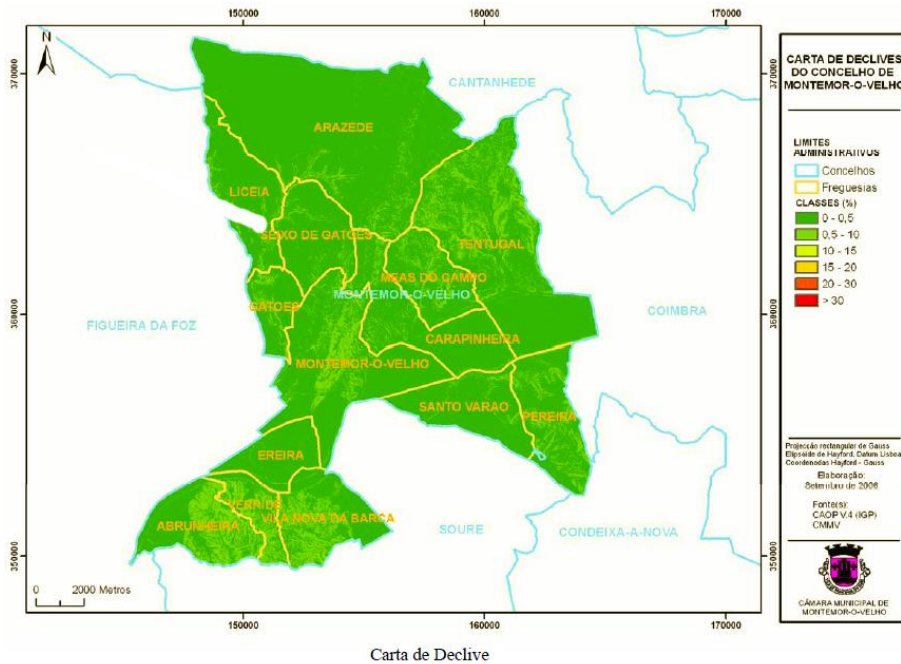
#### População do concelho de Montemor-o-Velho (1801 - 2011)

1801	1849	1900	1930	1960	1981	1991	2001	2011
9.528	6.345	22.361	25.162	27.925	27.274	26.375	25.478	26.171

Figura 3.6 - fonte: INE - Instituto Nacional de Estatística

Fonte: INE - Instituto Nacional de Estatística





Plano municipal de defesa da floresta contra incêndios de Montemor-o-velho.

Figura 3.8 - Carta de Declive

Fonte: INE - Instituto Nacional de Estatística - Plano municipal de defesa da floresta contra incêndios de Montemor-o-velho

Sendo esta, uma zona com bastante humidade no solo derivada da sua baixa altitude e do seu fito-clima, verifica-se a existência de áreas de Paul importantes com a Reserva natural do Paul da Arzila e o Paul do Taipal, zonas ecológicas de elevada importância, uma vez que conservam, no seu interior, uma enorme biodiversidade, constituídas por caniçais, canaviais, juncos, nenúfares, os quais são elementos fundamentais para o equilíbrio e depuração das águas, sendo o habitat de inúmeros répteis, anfíbios, peixes, ou habitat de aves sedentárias e migratórias.

Quanto ao clima, o concelho de Montemor-o-Velho apresenta-se com um meso clima, com características de um fito-clima Mediterrâneo-Atlântico, como citado por Ribeiro e Ferreira (ano)

Clima Atlântico - Temperado, húmido, queda pluviométrica elevada, muita nebulosidade e pequenos afastamentos anuais de temperatura.

Clima Mediterrâneo - tem uma pluviosidade fraca, é quente e seco.

Sendo que pela classificação Koppen e Geiger, o clima do concelho de Montemor é considerado um clima CSB, isto é, se enquadra na tipologia do clima mesotérmico com, (temperatura) húmida (C) e que tem um Verão seco (S), pouco quente mas extenso (B).

A temperatura média fig. 50 é 15.8 ° C, sendo que, anualmente varia entre o 10° C e os 20° C, tem no mês de Agosto o mês mais quente do ano, com uma temperatura média de 21° C, sendo janeiro o mês onde se verifica a temperatura mais baixa do ano e o maior nível de precipitação fig.51, com uma média de 127mm neste mês, em oposição ao mês de julho que só tem uma precipitação de 9mm (médias).

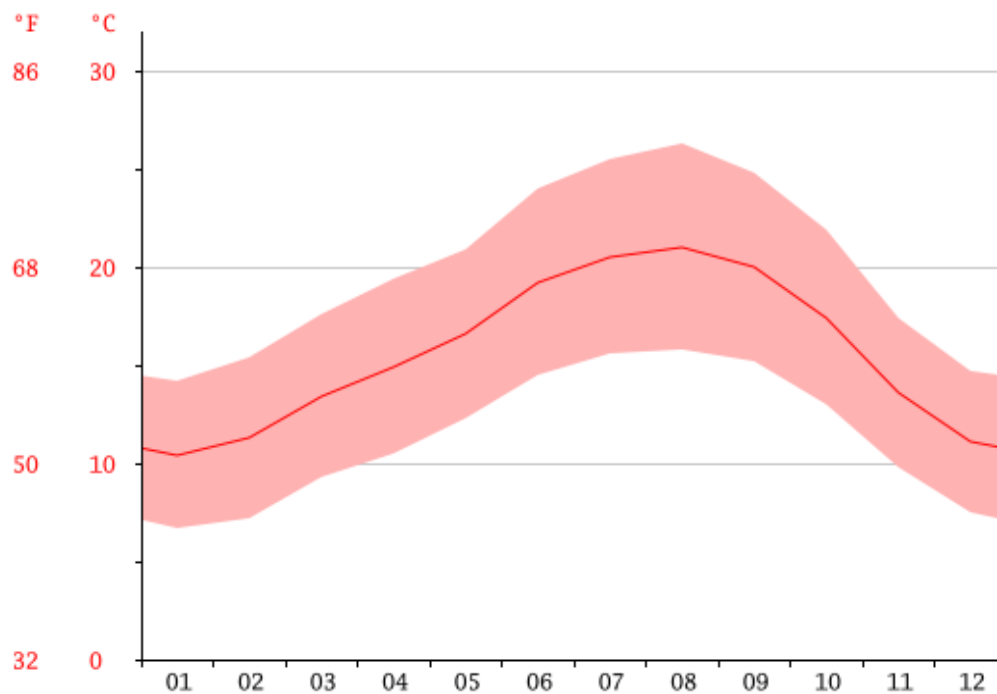


Figura 3.9 - Temperatura Anual

Fonte: <http://pt.climate-data.org/location/830922/>

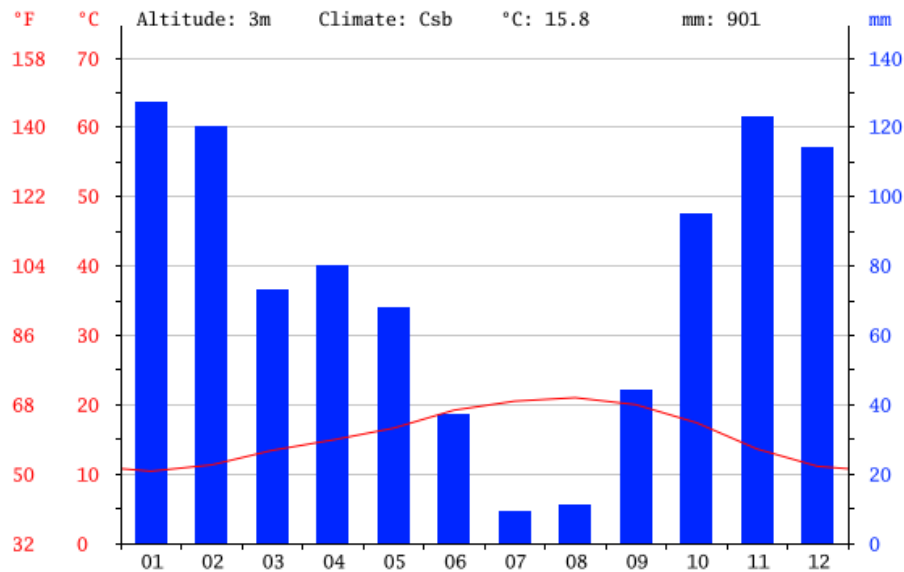


Figura 3.10 - Nível de precipitação

Fonte: <http://pt.climate-data.org/location/830922/>

## 3.2 - Caracterização da área de estudo

### 3.2.1 - Arquitetura no concelho

Em todo o concelho de Montemor-o-Velho existem vestígios de construções neolíticas, desde o castelo, que é uma das maiores fortificações do país, que tanto impacto tem na paisagem da vila, com os seus subterrâneos que percorrem quilómetros pelas profundezas de todo o território.

Por toda a sua extensão pode-se observar ruas medievais e edifícios oitocentistas, fruto do estabelecimento de grandes senhores, ao longo de décadas por toda a extensão do Mondego, outrora navegável e conhecido como um grande centro de comércio, como se pode verificar nas vias de acesso, cujo, na sua totalidade convergem no sentido dos Campos do Baixo Mondego. Assim, verifica-se que as edificações dominantes nesta região, são as civis e religiosas, como; Igrejas (Barrocas) (ver figura 3.11), Conventos (ver figura 3.12), Ermidas, Capelas, Solares (manuelinos (ver figura 3.13), etc.; sendo que, se pode presenciar estes edifícios com maior frequência nas vilas de Tentúgal, Montemor-o-Velho, e Pereira, pois



foram locais onde se começaram a estabelecer mais população, onde se encontram assim, um maior número de construções.

Facto é que existem por todo o concelho edifícios com igual interesse patrimonial, sendo que ainda posso referir algumas características das habitações típicas como; a casa com Patim, casa com sobrado, ou a casa dos cantos, tão bem descritas pelo Eng. Luís Marçal Correia de Oliveira nas páginas 211 a 215 do livro, " Baixo Mondego, Região e património", editado em 1992; Casas estas, cujas suas implantações se verificam ao longo das vias de acesso, com orientação solar de Este-Oeste de modo a conseguir obter melhor aproveitamento do clima temperado nos seus interiores durante o ano.



Figura 3.11 - Igreja de Santa Maria da Alcáçova.

Fonte; [http://www.infopedia.pt/\\$castelo-de-montemor-o-velho](http://www.infopedia.pt/$castelo-de-montemor-o-velho)



Figura 3.12 - Convento de Nossa Senhora dos Anjos,

Fonte; [http://www.cm-montemorvelho.pt/patrimonio\\_historico.asp?ref=29MOV](http://www.cm-montemorvelho.pt/patrimonio_historico.asp?ref=29MOV)



Figura 3.13 - Quinta do Lapuz / Casa da Arieira

Fonte: [http://www.cm-montemorvelho.pt/patrimonio\\_historico.asp?ref=19TEN](http://www.cm-montemorvelho.pt/patrimonio_historico.asp?ref=19TEN)

### " 1. A casa com patim

*Encontra-se na freguesia da carapinheira belos tipos destes exemplares. São casas invariavelmente caiadas de branco, implantadas sempre acima da cota da rua, da qual estão "defendidas" por um murete também caiado. Entre o murete e a casa existe o patim que geralmente é térreo e se atinge por meio duma escada de pedra.*

*O patim foi uma solução inteligente do arquiteto popular. Nele se implanta a moldura verde que caracteriza a casa do beirão. Lá está sempre parreiral, o alegrete ou vasos com flores. Para evitar o conjunto muitas vezes a saia da casa é pintada em tons de ocre.*

*O patim funciona como varanda, para aos domingos os donos da casa passarem a tarde, ou verem passar procissões. Serve também para assoalhar os produtos da terra, ou jogar o raminho trouxada e o anelinho.*

*Pormenor digno de nota é o espetáculo que ainda hoje oferecem estes patins destas casas quando seus moradores nas noites quente de Agosto, por ocasião de Festa em Honra de Nossa Senhora das Dores, os enfeitam de modo feérico, colocando sobre os muretes torcidas acesas embebidas em azeite dentro de cascas de caracóis.*

*A porta principal da casa dá acesso ao patim, mas só em dias de festa, Domingos ou Dia de Páscoa.*

*Por isso esta porta abre geralmente para a sala que, sendo de visitas, pode conter numa das paredes a típica cantareira, onde para além dos azados de barro*

*tão familiares às gentes do mondego, estão também arrumados os pratos de loiça fina, as amêndoas ou as lembranças do Senhor da Serra ou da Senhora da Saúde.*

*A sala abre para todas as divisões da casa, mas é pelas traseiras que se faz toda a lide diária. Assim, a cozinha dá para as traseiras e para o pátio. Contíguos ao pátio ficam a casa do forno, os currais, o celeiro, a eira, o telheiro da eira e a adega. O conjunto completa-se com o cerrado que a família trata sempre com desvelo, e a serventia para acesso ao casal.*

## 2. Casa com Sobrado

A casa com sobrado resulta dum processo que procura economia de espaço. Se na casa com patim descrita atrás, toda a implantação é feita num só plano, aqui neste tipo de construção, existe um sobrado que cobre toda a casa e serve de celeiro.

Este sobrado é ventilado por quatro pequenas janelas ou óculos que se distribuem pelas frontarias e dá-lhe acesso geralmente uma escada de madeira implantada na cozinha.

A porta principal já não dá acesso à sala, mas a um corredor para onde abrem todas as divisões. O telhado é de duas águas e a implantação das restantes dependências do conjunto é em tudo idêntica à casa com patim, mas geralmente de dimensões mais reduzidas.

## 3. A Casa dos cantos

*Para conhecer melhor a casa dos cantos temos primeiro que saber o que são os cantos.*

*Os cantos são agregados urbanos muito idênticos às antigas "ilhas" da cidade do Porto, mas em miniatura, e muito mais limpos.*

*Como é sabido a densidade populacional aqui é elevada para a região (220 Hab/km<sup>2</sup>), resultando assim uma implantação urbana densa juntos às vias principais, que não contendo o crescimento originou a formação de pequenos "apêndices" localmente designados por cantos.*

*Têm pois uma só entrada e neles habitam geralmente famílias com laços de sangue.*

*Curioso é que estes cantos são conhecidos pelos apelidos das mulheres que os habitam.*

*Assim se conhecem; o canto das Lopes, o canto das Fernandes, o canto das Lésinhas, o canto das Helenas, etc..*

*Pensa-se que a mulher é sempre uma constante presente na casa, já que o homem se vê forçado a sair dela para ganhar o sustento da família, regressando só ao fim do dia.*

*Daí que a mulher estando sempre presente junto ao local que habita, tenha pois o privilégio de ser mais conhecida.*

*As habitações dos cantos são pois as de dimensões mais reduzidas que aqui se constroem ainda hoje, mas primam pelo asseio. A sua implantação é de um só piso e a distribuição das dependências é idêntica às casas com sobrado."*

Fonte: livro; "Baixo Mondego, Região e património"; editado em 1992;pág. 211 a 215

### **3.2.2 - Edifícios Marcantes;**

O concelho de Montemor-o-Velho, pleno de história e tradição nas suas 13 freguesias, recolhe nas suas maiores profundezas, inúmeros edifícios que enaltecem e caracterizam, as gentes do passado glorioso deste concelho. Deambulando, por este vasto concelho, e observando as ricas paisagens que o dominam, pode-se observar pelas várias freguesias, os seguintes edifícios de interesse histórico;

#### **Abrunheira**

- Capela de Stº António
- Igreja Matriz



Figura 3.14 - Igreja Matriz (Reveles)

Fonte: <http://www.terralusa.net/?site=126&sec=part5>

### Arazede

- Capela de S. Pedro
- Capela de Santa Eufémia
- Cruzeiro de Arazede



Figura 3.15 - Igreja Matriz

Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/97146624>

### Ereira

- Casa do Torreão

### Gatões

- Capela de S. Jorge
- Igreja Matriz
- Cruz quinhentista



Figura 3.16 - Cruz quinhentista, largo da Igreja

Fonte: <http://gatoesbtt.no.sapo.pt/gatoes.html>

### Liceia

- Igreja Matriz

### Meãs do Campo

- Capela de Stº António

## Montemor-o-Velho

- Alcáçova Real, Palácio das Infantas
- Antigo Hospital de N. S<sup>a</sup> de campos e Misericórdia
- Antigo Hospital de Santa Marta
- Capela de Nossa Senhora da Conceição
- Capela de Nossa Senhora da Paz
- Capela de Nossa Senhora da Piedade
- Capela de Nossa Senhora do Desterro
- Capela de S. João (extinta)
- Capela de S. Sebastião / do Santo Mártir
- Capela de Santo António
- Capela do Hospital de Santa Marta
- Capela do Santo Cristo
- Capela dos Passos
- Casa da Roda
- Casa do Despacho
- Castelo
- Celeiro do Visconde de Alverca (antigo)
- Convento da Nossa Senhora dos Anjos
- Convento de S. Luis (quinta do taipal)
- Cruzeiro
- Fonte
- Hospital da Misericórdia
- Igreja da Misericórdia
- Igreja de S. Martinho (Matriz)
- Igreja de santa Maria da Alcaçova
- Antigo Mercado Municipal
- Paços do Concelho
- Pontes do poço da Cal
- Pórtico dos Pinas (solar dos Pinas)
- Residência de D. Isabel Azevedo
- Solar da familia Chichorro
- Solar dos Alarcões
- Solar dos Andrades (antigo)
- Solar dos Mexias
- Teatro Ester de Carvalho / Antigo
- Teatro Infante D. Manuel



## Pereira

- Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso
- Capela de Nossa Senhora do Pranto
- Capela de Santa Luzía
- Celeiro dos Duques de Aveiro
- Cruzeiro
- Igreja da Misericórdia
- Igreja Matriz / de Santo Estecão



## Santo Varão

- Capela de Santo António
- Capela de Nossa Senhora da Tocha
- Capela de Nossa Senhora do
- Igreja de S. Martinho



## Seixo Gatões

- Igreja Matriz

## Tentúgal

- Antigos Paços do Concelho
- Capela de Nossa Senhora da Dores
- Capela de Nossa Senhora dos Olivais
- Capela de S. João Evangelista
- Capela de S. Jorge
- Casa do despacho e outras Convento de Nossa
- Senhora do Fonte de Barrosa / Barroza
- Hospital de S. Pedro e São Domingos / da Misericórdia
- Igreja da Misericórdia
- Igreja Matriz



- Paços dos Condes de Tentúgal / do Duquesdo Cadaval
- Pelourinho
- Pelourinho (desaparecido)
- Quinta do Lapuz / Casa da Arieira
- Solar dos Abreus Limas de Morais (antigo)
- Solar dos Arraes de Mendonça
- Solar dos Barretos
- Solar dos Coelhoos, Farias, Amorins e Silvas (antigo)
- Solar dos Coutos Vasconcelos / "Casa das Hortas"
- Solar dos Cunhas e Melos (antigo)
- Solar dos Farias Amorins (antigo)
- Solar dos Gavichos (antigo) Solar dos Pereiras Machados (antigo)
- Solar dos Pessoas de Amorins (antigo)
- Solar dos Soares Girões / Casa de S.<sup>a</sup> da Piedade
- Solar dos Távoras Sottomaiores
- Solar dos Viegas de Novais Ferraz
- Torre do Relógio



### Verride

- "Casa Grande"
- Capela se S. Sebastião
- Capela de Santo António do Cardal
- Casa do Arco
- Convento de Almira /Mosteiro de Verride
- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Quinta da Boa Vista / Quinta da Pretas
- Quinta da Cruz
- Quinta do Cardal
- Termas da "Fonte do Bulho" ou "Brulho"





### **Vila Nova da Barca**

- Capela de Nossa Senhora da Graça
- Capela de Santa Ana
- Igreja Matriz

### **3.2.3 - Análise da área de estudo características gerais**

Como referido, Montemor-o-Velho, com uma área de 228 km<sup>2</sup> no seu município, é constituído por 14 freguesias, as quais são bastante distintas, sendo que, em destaque estão os núcleos históricos de Tentúgal, Pereira e Montemor-o-Velho, que possui na sua vila, inúmeros factores que motivam a deslocação de turistas, conta com um Centro náutico de alto rendimento (com competições internacionais), piscinas municipais, centro equestre, pistas de Bmx/BTT e trail running, vários pavilhões polidesportivos, pista de atletismo, etc..

É de referir mais uma vez, qu, também no património natural, com a sua paisagem dominada pelo rio Mondego, que além de proporcionar uma bela paisagem, fertiliza os campos de cultivo localizados sobre o antigo leito, e dá vida às reservas naturais que possui no seu entrono; **Reserva Natural do Paul da Arzila** e o **Paul do Taipal**, com várias espécies animais no seu habitat.

#### **Reserva Natural do Paul da Arzila**

Pode-mos visitar a reserva natural, durante todo ano exepcto as quintas, domingos, e dias de feriado, durante as épocas de caça. A Reserva Natural do Paul de Arzila desenvolve-se na margem esquerda do Rio Mondego, compreendendo os concelhos de Coimbra, Condeixa-a-Nova e Montemor-o-Velho.

É composto por um núcleo central, com o paul propriamente dito, cruzado por três valas, contendo uma área de caniçal, e uma zona envolvente, florestada.

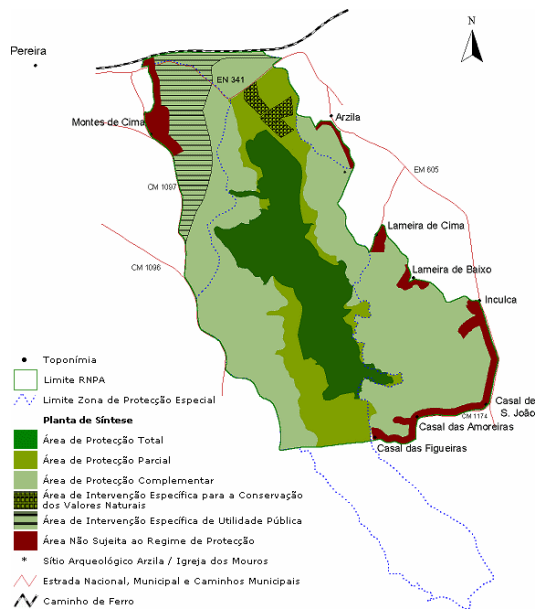


Figura 3.14 - Mapa Paul da Arzila

"Relativamente ao património natural, no que diz respeito á flora, a zona de caniçal é ocupada pela seguinte espécies; tábua (*Typha sp.*), bunho (*Scirpus lacustris*), junco (*Carex riparia*) e pelo caniço (*Phragmites australis*). Nas valas são frequentes o lírio-amarelo (*Iris pseudacorus*) e erva pinheirinha(*Myriophyllum sp.*).

Na zona envolvente florestada: pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), sobreiro (*Quercus suber*), carvalho-cerquinho (*Quercus faginea broteroi*) e eucalipto (*Eucalyptus globulus*). Onde reside uma variada população de aves, e se incluem núcleos reprodutores de Garça-vermelha e Garça-pequena.

Esta é também uma zona importante de passagem no Outono, para migradores transarianos, em particular passeriformes. Zona húmida de importância para limícolas, anatódeos e a lontra.

Símbolo:

Garça vermelha (*Ardea purpurea*)



Criação: D.L. n.º 219/88 de 27 de Junho, (Cria a RNPA), com excepção dos seus artigos 2.º, 3º e 9.º.

Outra legislação:

*Portaria N.º 821/93 de 7 de Setembro (Interdita a caça na R.N.P.A.)*

*Decreto Regulamentar N.º45/97 de 17 de Novembro (reclassificação)*

*Resolução do Conselho de Ministros n.º142/97 (ZEC)*

*Decreto - Lei n.º384-B/99, de 23 de Setembro (ZPE)*

Inserção em redes internacionais de conservação:

*Reserva Biogenética / Conselho da Europa.*

*Zonas Húmida de Importância Internacional inscrita na Lista de Sítios da Convenção de Ramsar.*

*Zona de Protecção Especial para Aves (Directiva 79/409/CEE) Sítio da Lista Nacional de Sítios ao abrigo da Directiva (92/43/CEE), aprovada em Conselho de Ministros. (Resolução do Conselho de Ministros n.º142/97), Decreto - Lei n.º384-B/99, de 23 de Setembro, (ZPE)*

Superfície:

*580 ha. (NIG\*)*

*\*Núcleo de Informação Geográfica*

Localização:

*Região Centro, Distrito de Coimbra: Concelho: Coimbra (Freguesia: Arzila\*);*

*Concelho: Condeixa-a-Nova (Freguesia: Anobra\*); Concelho: Montemor-o-Velho (Freguesia: Pereira\*).*

*\* Só parte dentro da Área Protegida.*

Altitude:

*Altitude máxima 88 m*

*Altitude mínima 6 m*

Clima:

*Temperatura*

*Os meses mais frios são Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março, sendo que Janeiro apresenta a mais baixa temperatura mínima média, com 6°C. Os meses mais quentes são Julho e Agosto, com médias mensais superiores a 21°C.*

*Precipitação*

*Os meses mais chuvosos são Outubro, Novembro, Dezembro e Abril, sendo Novembro o mais chuvoso, com uma precipitação média de 362 mm. O mês menos chuvoso é Agosto, com uma precipitação média de 0.2 mm.*

População:

*1981: 4799 habitantes*

*1991: 4459 habitantes*

Distância aos Aeroportos:

*Lisboa - Coimbra, 220 Km*

*Porto - Coimbra, 140 Km*

*Faro - Coimbra, 430 Km*

Transporte próprio:

*- De Lisboa ou Porto, pela A1 (nó de Coimbra - Sul). Na saída da A1 tomar o IC2 na direção de Taveiro. No final, através da EN n.º 341 que liga Taveiro a Alfarelos, passa em Arzila.*

*- A partir de Coimbra, pelo IC2 na direção de Taveiro. No final, através da EM n.º 341 que liga Taveiro a Alfarelos, passa em Arzila.*

Transporte Público:

*De Comboio, pela Linha do Norte, sair no apeadeiro de Ameal. De Ameal ao Centro de Interpretação é cerca de 1 Km a pé;*

*De Autocarro, a partir de Coimbra, Linha n.º11 dos SMTUC com partida da Beira-rio"*

Fonte: Fonte: <http://www.cm-montemorvelho.pt>

## **Paul do Taipal**

Paul do Taipal, apresenta-se com uma zona de Protecção Especial para a Avifauna (ZPE). Sendo que foi aprovada a sua delimitação pelo Decreto-Lei n.º 384-B/99 de 23 de Setembro. Este representa, conjuntamente com os paus de Arzila e da Madriz, os últimos exemplos deste tipo de zonas pantanosas na Região Centro.

Húmida de Importância Internacional designada como Sítio Ramsar 2001.

- Área: 233 hectares
- Concelhos abrangidos: Montemor-o-Velho
- Altitude máxima: 25 metros
- Coimbra: 25 Km
- Figueira da Foz: 14 Km
- Montemor-o-Velho: 1 Km

""A ZONA DE PROTECÇÃO ESPECIAL do Paul do Taipal divide-se em duas áreas distintas:"

*Zona Paludosa (ver figura 3.15), onde ocorrem espécies como Caniço, Bunho, Tabúas, Juncos, Junças, Salgueiros (preto, branco, etc.), Amieiros, Freixos, Ulmeiros, Choupos (negro e branco), Nenúfares, Lírio-amarelo dos pântanos, espadanas, Lentilhas-de-água, e erva pinheirinha.*



Figura 3.15 - Paul do Taipal

Fonte: <http://www.cm-montemorvelho.pt>

*Zona Envolvente, constituída, maioritariamente, por uma Zona agrícola ocupada por culturas arvenses de regadio e de sequeiro, e por uma pequena Zona Florestada onde, pela existência de solos calcários, se destaca a presença de espécies características deste meio, como Aroeira, Zambujeiro e Aderno, registando-se também a ocorrência de orquídeas.*



Figura 3.16 - Papa-ratos

*Quanto aos valores faunísticos, destacam-se nos peixes, o Barbo, o Góbio (endemismos ibéricos) e o Ruivaco (endemismo lusitano); nos anfíbios, os endemismos ibéricos Tritão-de-ventre-laranja e Rã-de focinho-ponteagudo; nas aves, a Águia-pesqueira, o Papa-ratos (ver figura 3.16), e o Maçarico-preto; nos mamíferos salienta-se a lontra."...*

Fonte: <http://www.museubiodiversidade.uevora.pt/Especies/Aves/Papa-ratos>

Outrora em terrenos, dominados por campos pantanosos, cujo cultivo sempre foi um dos pontos fortes da gente deste concelho, tão dedicado á terra, apesar dos constantes enfrentamentos com as águas do rio. Hoje em dia depois de todos os procedimentos, tomados com a regularização das margens do rio e o emparcelamento, por forma a minimizar os danos provocados pelas cheias dos campos descontroladas. Este concelho reúne conjuntamente com as suas potencialidades culturais, naturais e gastronómicas, inúmeros factores que potenciam o mesmo, para o mercado Ecoturístico.

A gastronomia também é fortemente caracterizada pelos costumes deste povo, cujas, muitas das especialidades gastronómicas, se resumem a pratos confeccionados com arroz, como o; Arroz de Lampreia, o Arroz de cabidela (malandro), Pato a moda do Mondego, ou Morcelas de Arroz, entre outras iguarias gastronómicas como referenciado no livro; "Saberes e Sabores do Arroz Carolino do Baixo Mondego" . Já na doçaria, este concelho é rico em doçaria conventual, fruto dos antepassados monásticos e a consequente edificação de inúmeros conventos neste concelho. Fator

que permite saborear imensas iguarias conventuais, nomeadamente em: Pereira (Papos de Anjo, Barrigas de freira, e as queijadas), Tentúgal (queijadas, os Pastéis de Tentúgal, e o arroz doce), Montemor-o-Velho (Espigas doces), entre outras iguarias características desta região, que podem ser saboreadas pelos numerosos restaurantes da região.



Figura 3.17 - Doces Conventuais (Queijadas de Pereira; Pastéis de Tentúgal; Arroz Doce)

Também muito característico deste concelho, são as feiras de Montemor-o-Velho, que transparecem o quotidiano deste povo devoto à terra, cuja existência há muito predomina nesta região, como é o caso da Feira Anual a 8 de Setembro (Feira das cebolas e dos Farrapos e Feira do Cavalo), e as feiras semanais às quintas-feiras, onde são vendidos produtos da região de modo a beneficiar diretamente o sector primário. Por fim e não menos importante deve também destacar os Eventos culturais, as Festa e Romarias, que aqui se vivem por todas as freguesias, embora seja com mais frequência em determinadas aldeias ou vilas, estes são também fatores de elevado interesse cultural e económico para a região nomeadamente;

#### "Abrunheira

*Festejos em honra de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Saúde, realizam-se no 1º Domingo de Agosto.*

*Festejos em honra de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Graça, padroeira, em finais de Agosto.*

#### Arazede

*Festejos em honra de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Pranto, padroeira, realizam-se a 15 de Agosto.*

*Festejos em honra de São Pedro, realizam-se no mês de Junho - Gordos.  
Festejos em honra de São Tiago, realizam-se no mês de Julho - Amieiro.  
Festejos em honra de Santa Eufémia, realizam-se no mês de Setembro - Vila Franca.  
Feira quinzenal nos dias 7 e 24 de cada mês.*

#### Carapinheira

*Festejos em honra de St<sup>a</sup> Susana, padroeira, meados de Agosto, bienal.  
Festejos de N.<sup>a</sup> Senhora das Dores, realizam-se no último domingo de Agosto, bienal.  
Festejos em honra de Santo António, realizam-se a 13 de Junho - Quinta do Outeiro.  
Feira mensal, ao dia 26.*

#### Ereira

*Festejos em honra de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Rosário, realizam-se num dos Domingos de Agosto.*

#### Gatões

*Festejos em honra de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> das Virtudes, realizam-se no dia 2 de Fevereiro.*

#### Liceia

*Festejos em honra de São Miguel, realizam-se no último Domingo de Setembro.*

#### Meãs do Campo

*Festejos em honra de São Sebastião, realizam-se nos últimos Domingos de Agosto.*

#### Montemor-o-Velho

*Procissão do Sr. dos Passos, realiza-se no Domingo de Ramos  
Feriado Municipal a 8 de Setembro  
Feira Anual (Feira das Cebolas) a 8 de Setembro  
Festas Concelhias, com início no final de Agosto até meados de Setembro.  
Feira do Cavalo, integrada nas Festas, realiza-se nos finais de Agosto e meados de Setembro.  
Festejos em honra de Nossa senhora da Paz, realizam-se em Janeiro - Moinho da Mata.  
Feira Quinzenal, realiza-se quinzenalmente às quartas-feiras.  
CITEMOR - Festival de Teatro (realiza-se entre Julho e Agosto).  
Festival do Arroz e da Lampreia - Março  
Festival Forte, realiza-se em Agosto*

#### Pereira

*Festejos em honra do Sr<sup>o</sup> dos Passos, realizam-se em Março.*



*Festejos em honra de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Bom Sucesso, realizam-se no 1<sup>o</sup> de Maio.  
Festejos em honra de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Pranto, bienal, realizam-se ao início de Julho.  
Festejos em honra de São Tiago, bienal, realizam-se ao início de Julho.  
Feira Anual “Feira das Comedeiras”, realiza-se no 3.<sup>o</sup> Domingo de Outubro.  
Feira Mensal, realiza-se no 3.<sup>o</sup> Domingo de cada mês.*

#### Santo Varão

*Festejos em honra de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Amparo, padroeira, realizam-se na Segunda-feira de Páscoa.  
Festejos em honra de Santo António, realizam-se no mês de Agosto - Formoselha.*

#### Seixo

*Festejos em honra de São João, realiza-se em Junho.  
Festejos de Natal, realizam-se em Dezembro.*

#### Tentúgal

*Festejos do Senhor dos Passos, realizam-se no Domingo de Lázarus  
Festejos em honra de N.<sup>o</sup> Sr.<sup>a</sup> do Carmo, realiza-se em 16 de Julho.  
Feira anual, realiza-se no dia 1 de Novembro.  
Feira quinzenal, realiza-se nos dias 5 e 19 de cada mês.*

#### Verride

*Festejos em honra de São Sebastião, realiza-se a 20 de Janeiro.  
Festejos em honra de Mártir Santo, realiza-se a 24 de Janeiro.*

#### Vila Nova da Barca

*Festejos em honra de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Rosário, realiza-se num dos Domingos de Maio.”...*

Fonte: <http://www.cm-montemorvelho.pt>

### **3.2.4 - Diagnóstico Urbanístico: Problemas e Potencialidades**

Desde que se estabeleceu um decréscimo económico nesta região fruto da conjuntura do país, que se nota um envelhecimento da população (índice de 1,5), bem como uma diminuição da mesma, exceptuando em Montemor-o-Velho e Santo Varão, como referido. Também nos edifícios este fator visível, pelos edifícios devolutos, ou mesmo em ruínas, prova do êxodo rural, e dos baixos níveis de

escolaridade, uma vez que muitos dos habitantes ainda hoje vivem do sector primário (10% da população).

No que diz respeito às questões de mobilidade e acessibilidade, a Câmara de Montemor-o-Velho, tem vindo a elaborar um "Plano Local de Promoção de Acessibilidade", de modo a tornar a o concelho mais competitivo e mais contemporâneo, com mais qualidade de vida, tornando-se um lugar mais apetecível para ser visitado ou mesmo trabalhar. Também na mobilidade automóvel, este município, oferece boas vias de comunicação terrestre, estando ligado, aos dois maiores centros urbanos, de Coimbra e Figueira através de várias estradas Nacionais, Autoestradas (A14 e A1), ou mesmo a linha férrea (Alfarelos), que pode conduzir facilmente a Lisboa ou o Porto em menos de 2 horas. Contudo, é de referir que o o sistema rodoviário de transportes públicos ainda carece de algum melhoramento, de modo a que a população faça mais utilidade destes.

Também é de salientar que as atividades ligadas á industria transformadora alimentar absorve muitos dos produtos regionais, bem como, ao comércio a retalho e grosso, que podem ajudar a potenciar o turismo, enaltecendo todo o património natural e histórico-cultural que aqui prevalece com as gentes da terra, após tantos séculos, ou mesmo, a proximidade dos centros urbanos de Coimbra repleta de cultura, ou da Figueira da Foz com as suas praias inconfundíveis onde desagua o Rio Mondego.

Em suma, o município depara-se com inúmeros factores positivos, favoráveis á exploração turística embora este, tenha que assumir um papel pró-ativo e desenvolver atividades ligadas á comercialização dos produtos agrícolas, artesanais, ou mesmo gastronómicos, da mesma forma que na promoção da sua herança histórica e cultural, bem como os recursos naturais e a sua preservação como caso do Paul do Taipal ou Paul da Arzila.

Este factores reunidos, juntamente com a proximidade do rio Mondego, cuja existência dota o concelho de um clima estável e com condições propícias para as atividades desportivas interligadas a ele, como; a pista de remo e centro de alto rendimento, que alberga provas internacionais, e mais uma vez potência a visibilidade do concelho para o exterior.

São factores que podem minorar o êxodo rural, o desemprego, e o baixo nível de ensino /qualificações, existindo ainda, oportunidades para a requalificação do

património edificado, que segundo o INE em 2001, o município contava com 4068 edifícios com necessidades de reparação dos quais, 14% necessitam de reparações profundas.

É ainda de salientar a necessidade de apoio do poder central ou local, e o incentivo deste, com o melhoramento dos serviços prestados a comunidade, por forma a conseguir os apoios financeiros necessários para esta dinamização, quer seja através de protocolos de cooperação ou financiamento, por concessão de apoios.

### 3.2.5 - Enquadramento nos Instrumentos de gestão territorial

O PDM (Plano diretor municipal, (ver figura 3.18) de Montemor-o-Velho, aprovado em Maio de 2008, pela assembleia Municipal e presidida pela Comissão de coordenação e desenvolvimento regional do Centro. Tem como objetivo, estabelecer a referenciação espacial dos usos e atividades do solo, de acordo com as normas estabelecidas pelo IGT (instrumentos de gestão territorial), por forma a cumprir o regime jurídico dos instrumentos de gestão territorial (RJIGT).

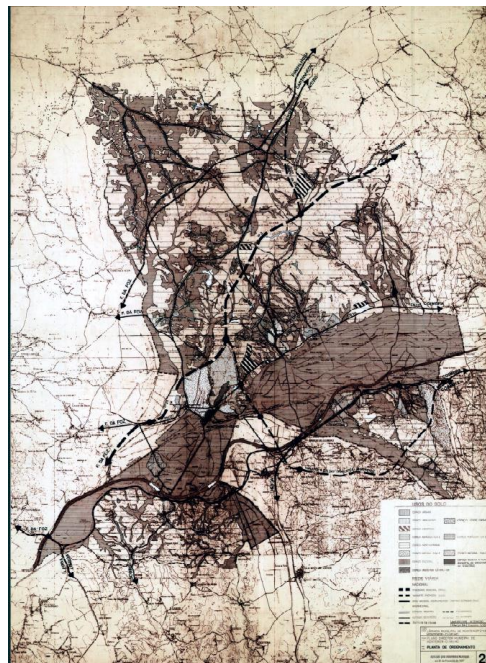


Figura 3.18 - Carta de Ordenamento

Fonte: <http://www.cm-montemorvelho.pt/sigmv.htm>

Esta região é regulada, ainda por um plano regional de ordenamento do território PROT- Centro, cuja função, é definir uma estratégia regional, que integre as opções estabelecidas a nível nacional, considerando estratégias para desenvolvimento da região. Ainda assim, verifica-se em conformidade com este, um Plano de Bacia Hidrográfica do Mondego (PBH Mondego), que pretende ter uma abordagem técnica, económica, ambiental, e institucional, com vista a estabelecer uma estratégia racional de gestão e utilização da Bacia Hidrográfica do Mondego, em simbiose com o OT e a conservação e proteção do ambiente.

Sendo que esta região compreende um complexo e diversificado ecossistema, com inúmeros lugares de interesse, como, Monte, florestas, paus, zonas de pastagens, cursos de água, dunas e zonas agrícolas, verifica-se que aqui proliferam habitats de espécies faunísticas e florísticas de elevado interesse de conservação, sendo de referir ainda, que na bacia do Mondego se identificam 5 tipos de áreas de conservação da natureza, bem como um Plano de ordenamento da Reserva Natural do Paul de Arzila, nomeadamente;

- Áreas Protegidas (4)
- Zonas de Proteção Especial para a Avifauna (3)
- Sítios incluídos na Lista Nacional de Sítios (6)
- Reservas Biogenéticas (2)
- Sítios Ramsar (2)

#### Plano de ordenamento da Reserva Natural do Paúl de Arzila (ver figura 3.19)

Este Plano de ordenamento especial, foi iniciado em setembro de 99, sendo enquadrado no Decreto-Lei nº48/98, de 11 agosto, com o propósito de salvaguardar recursos e valores naturais bem como a sua utilização sustentável, dos 535ha desta reserva 165 ha são compostos pelo núcleo central e os restantes 370 ha pela zona de proteção, que se estende ao longo das encostas que ladeiam o vale.

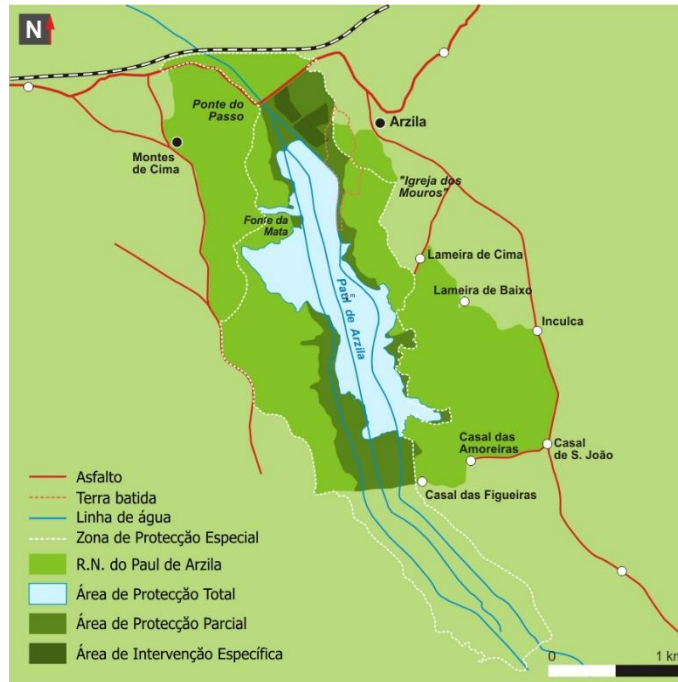


Figura 3.19 - Plano de ordenamento da Reserva Natural do Paúl de Arzila

Fonte: [www.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnpa/class-carac](http://www.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnpa/class-carac)

Assim sendo, o Plano Director Municipal de Montemor-o-Velho, compreende a seguinte legislação;

*"1. Espaços Urbanos e Urbanizáveis - consideram-se espaços urbanos e urbanizáveis as áreas delimitadas como tal na planta de ordenamento, contidas nos seguintes aglomerados ou conjuntos de aglomerados: Montemor-o-Velho, Carapinheira/Meãs, Arazede, Verride, Pereira, Volta da Tocha/Bunhosa/Casais das Faíscas, Liceia/Viso, Bebedouro, Zambujeiro/Gordos, Gatões/Seixo/ Amieiro, Quinhendros, Tentúgal, Portela, Moinho da Mata, Meco, Abrunheira/Reveles, Ereira, Vila Nova da Barca, Santo Varão/Formoselha, Carril, Presalves, Moita Vaqueira, Casal da Areia, Chãs/Vale do Forno, Porto Luzio, Areal, Casal do Raposo, Casais Velhos, Casal do Minhoto, Carapetos, Ninho do Grou, Casal de Penas, Murraçã, Outeiro Longo, Póvoa de Santa Cristina, Caixeira, Marujal, Resgatados, Catarruchos e Tojeiro.*

*2. Para todos os aglomerados populacionais não referidos no número anterior que tenham no mínimo 10 fogos e sejam servidos por arruamentos de utilização pública nos termos do Código da Contribuição Autárquica, o perímetro urbano é delimitado por pontos distanciados 50 m de eixo dos arruamentos no sentido transversal e 20 m da última edificação no sentido do arruamento.*

**3. Espaços Industriais** - a ocupação das áreas industriais ficará sujeita a plano de pormenor ou à criação da figura legal de parque industrial. Enquanto não for aprovado o plano de pormenor ou o parque industrial poderão ser licenciados loteamentos industriais e atividades conexas ou de impacte semelhante desde que cumpram as condições de edificabilidade impostas pelo PDM.

*1ª Revisão do PDM de Montemor-o-Velho - Volume I- Análise e Diagnóstico (versão 4) 208*

**4. Espaços de Industria Extrativa** - sem prejuízo de poderem vir a ser autorizadas noutros espaços (nos termos da legislação em vigor), estão assinalados na planta de ordenamento os locais que se destinam especificamente às explorações de recursos minerais. Será permitida junto das explorações a instalação de indústrias para a valorização dos recursos extraídos, bem como demais oficinas de apoio, como anexos.

**5. Espaços Agrícolas** - as áreas pertencentes a esta classe são as que possuem características mais adequadas às atividades agrícolas ou que as possam vir a adquirir e são constituídas pela RAN (ver figura 3.20) (espaço agrícola I) e pelas outras áreas agrícolas (espaço agrícola II).

- **Espaços agrícolas I:** a utilização de espaços integrados na RAN subordinar-se-á estritamente aos condicionamentos impostos pela preservação das suas potencialidades, pelo que não podem ser objeto de quaisquer ações que as diminuam ou destruam, salvo as exceções consignadas na lei geral.

- **Espaços Agrícolas II:** estas áreas são afectas a uso agrícola, sendo, no entanto, permitida a construção de habitação unifamiliar com um máximo de dois pisos em parcelas com um mínimo de 1000 m<sup>2</sup>, confinantes com arruamento público.

**6. Espaços Agro-silvícolas** - os espaços agro-silvícolas, embora ainda possam ser dedicados à agricultura, destinam-se sobretudo à silvicultura (produção de material lenhoso, resinas e outros produtos florestais) e à pastorícia.



Figura 3.20 - Carta RAN

Fonte: <http://www.cm-montemorvelho.pt>

**7. Espaços Naturais (REN)** (ver figura 3.21) - as áreas naturais classificadas do concelho de Montemor-o-Velho são constituídas por: a) Reserva Natural do Paul da Arzila (área protegida de interesse nacional), b) Zona de Proteção Especial do Paul do Taipal (que integra rede natura 2000); e c) reserva de Recreio de São Gens, que se propõe seja de âmbito regional ou local, constituído o espaço natural II.



Figura 3.21 - Carta REN,

Fonte: <http://www.cm-montemorvelho.pt>

**8. Espaços Culturais** - definem-se como espaços culturais os núcleos históricos de Montemor-o-Velho, Pereira e Tentúgal, os quais se encontram assinalados na planta de ordenamento. Estes espaços são essencialmente importantes sob o ponto de vista histórico, cultural e ambiental do concelho, integrando edifícios de especial interesse urbanístico e arquitetónico, pelo que deverão ser mantidas as características gerais das malhas urbanas e preservadas as características arquitetónicas dos edifícios de maior interesse. Nos espaços culturais é permitido o uso habitacional, podendo integrar outras funções, como atividades terciárias, hoteleira e similar. Para estes espaços deverão ser elaborados planos de urbanização, planos de pormenor ou unidades de execução que definam as características a preservar e as condições de edificabilidade.

**9. Espaço Verde Urbano** - espaço definido na área Sul do aglomerado de Montemor-o-Velho, não possuindo qualquer referência no regulamento do atual PDM.

*1ª Revisão do PDM de Montemor-o-Velho - Volume I- Análise e Diagnóstico (versão 4) 209*

*O Plano identifica como Unidades Operativas de Planeamento e Gestão uma área junto ao aglomerado de Montemor-o-Velho, que será alvo de um PMOT."*

Fonte: "Revisão do Plano director Municipal de Montemor-o-velho, Análise e Diagnostico", vol 1, fevereiro 2005.

### **3.3 - Síntese : Ecoturismo em Montemor-o-Velho**

Como anteriormente descrito, nos tópicos atrás abordados, apesar de Montemor-o-Velho, estar vocacionado para os trabalhos agropecuários, e o seu património edificado estar cada vez mais degradado, resultando na baixa procura turista de interesse patrimonial, este Concelho usufrui apenas da afluência de visitantes provocada pelas poucas atividades Desportivas e pelas Festividades, tornando-se evidente, e necessário, encontrar uma solução viável e sustentável, que fomente mais a procura turística, do concelho, aproveitando o que melhor tem de oferecer - a natureza o património, a cultura.

Assim, este desenvolvimento deve, procurar reabilitar os edifícios de interesse histórico, assim como promover a sua divulgação, realçando a sua história, e tornando estes mais atrativos para o turista bem como para os habitantes do



concelho. A criação de visitas guiadas, interagindo com as comunidades locais, a promoção de desportos na natureza como; Remo, BTT, Pesca, Trail Running, triatlo, ou mesmo a visita guiada pelas zonas de Paul do Taipal e da Arzila, são atividades que devem formar toda a oferta de experiências ao turista, bem como a Prova Gastronomia com a respetiva elaboração de um roteiro gastronómico.

Sendo que, algumas das atividades como o Hipismo, ou mesmo o campismo estão em constante decréscimo no concelho, devido à falta de condições locais, a potenciação destes, deve fazer-se acompanhar de um desenvolvimento Ecoturístico desta região, com as devidas preocupações ecológicas, de modo a criar o menor impacto negativo para a comunidade bem como para a natureza.

Em suma, verifica-se que para este concelho, com uma região que vive, "para a terra e com a terra" diariamente, será de extrema importância criar também ferramentas de prevenção e cooperação com a comunidade, por forma a potenciar todas as mais-valias do concelho, bem como uma boa gestão dos recursos naturais. Estes factores podem ajudar a criar inúmeras oportunidades, em benefício das economias locais, como pequenos negócios de restauração, venda de artesanato, ou mesmo, uma maior afluência às atividades já existentes como; remo, pesca, triatlo, btt, etc...

Será de salientar que, devem estar sempre cientes dos pontos positivos e negativos do Ecoturismo, inumerados no capítulo 2 da primeira parte, passa-se a apresentar uma proposta de intervenção que tem em consideração tudo o mencionado.



# Capítulo IV - Proposta para desenvolvimento Ecoturístico no Concelho de Montemor-o-Velho e empreendimento Ecoturístico "EcoMondego"

## 4.1- Objetivos

Esta proposta, pretende enaltecer vários aspetos positivos para o desenvolvimento Ecoturístico deste concelho, uma vez que, a Vila de Montemor-o-Velho é comandada essencialmente pelo tráfego automóvel efetuado entre Coimbra e Figueira da Foz no seu dia-a-dia, e pelas dormidas de habitantes que trabalham maioritariamente fora do concelho, as quais, só regressam a casa no final do dia de trabalho.

Estes factores tornam-se visíveis na decadência do comércio dos mais variados sectores, ainda assim, este município, possui inúmeras características como o desporto ao ar livre (Pesca lúdica, Remo, traill runing, btt,...), a gastronomia onde se pode degustar inúmeras iguarias conventuais (pastel de Tentúgal, queijada de Pereira, espigas de Montemor), ou mesmo os mais simples pratos de arroz carolino (arroz de lampreia ou arroz de cabidela), que em simbiose com as edificações neolíticas da região, bem como os campos verdejantes, tornam este concelho singular, e com verdadeiro potencial para a exploração ecoturística.

Em suma esta proposta, tem como finalidade pegar em todos os factores inumerados anteriormente e elaborar um plano estratégico, que vai desde a execução de um roteiro turístico (ver figura 4.1) com as várias atividades possíveis, passando também pelo enfoque de algumas épocas festivas do concelho, assim como a criação de Logística de baixo custo, possibilitando dar resposta à vinda de pessoas provenientes de outros lugares, as quais se deslocam para eventos desportivos ou festivos do município ou simplesmente para observar a fauna e flora do concelho, e as suas atividades agrícolas.

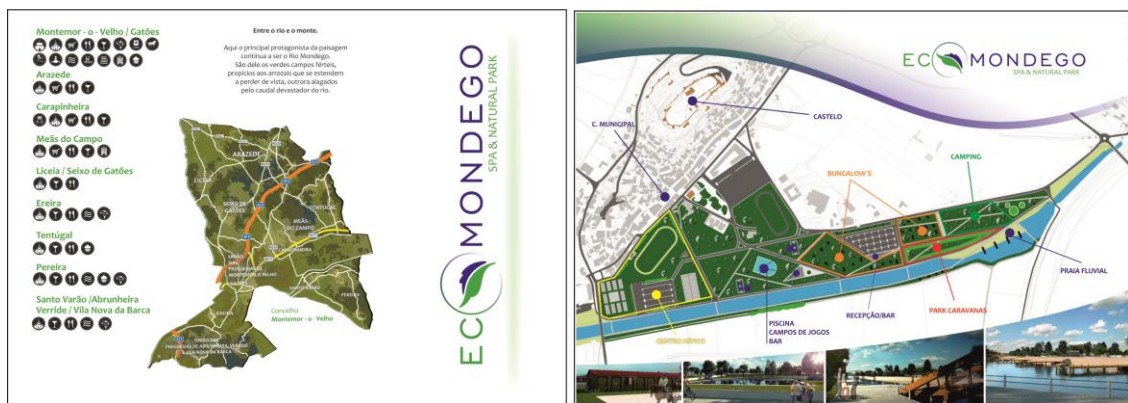


Figura 4.1 - Roteiro turístico (gastronomia, atividades desportivas, edifícios marcantes)

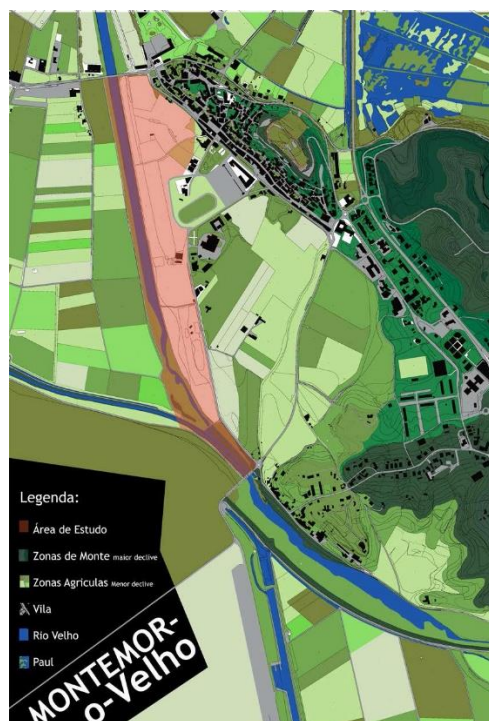


Figura 4.2 - Zona de intervenção

A reabilitação da zona envolvente ao centro hípico de Montemor-o-Velho (ver figura 4.2), bem como o seu Parque de campismo, devoluto, caracterizado pelo antigo canal do rio (rio velho) na sua extensão, torna este local o lugar ideal para o desenvolvimento do EcoMondego Park (ver figura 4.3). A sua extensão ao longo da vila e do antigo rio, em conjugação com novo planeamento urbanístico, permite criar um novo espaço público que enalteça toda a envolvente da baixa de Montemor, criando novos espaços verdes, ligando-a aos existentes, como caso da Pista de triatlo ou pista de Remo (ver figura.4.4).

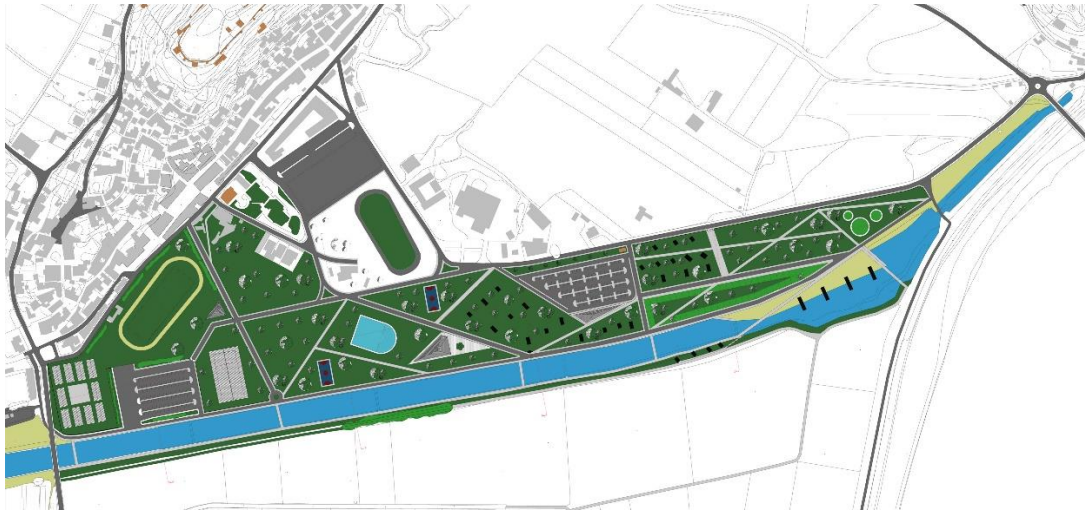


Figura 4.3 - Planta Intervenção - "EcoMondego Park", Anexo 1



Figura. 4.4 - Centro Náutico de MMV

Estes factores, juntamente com o dimensionamento de novas vias para peões e ciclovias, campos de jogos ao ar livre, o planeamento de uma piscina pública com possibilidade de albergar um Spa nas suas instalações ou mesmo, a exploração hoteleira de custo reduzido com a revitalização do parque de campismo sobre uma visão mais contemporânea, pretendem dar vida a um espaço devoluto e descuidado.

## 4.2- Características gerais

Através da proposta, para desenvolvimento ecoturístico do concelho, de Montemor-o-Velho, descrito no capítulo anterior, e o conhecimento adquirido na cuidada análise deste município, das suas atividades socioeconómicas, é possível verificar os factores fundamentais para que esta atividade seja bem-sucedida, com medidas que vão,

desde a revitalização do Centro Hípico com capacidade para 200 Boxes (ver figura 4.5), 2 picadeiros (1 coberto), inserido agora numa nova malha verde destinada a zona de lazer (ver figura 4.6), com várias vias pedonais e ciclovias que promoveram a necessidade do arranjo das margens do rio "velho", criando novas passagens aéreas em madeira possibilitando a deambulação na extensão do rio em ambas as margens, assim como dar, uma nova valorização a esta área deixada ao abandono.



Figura 4.5 e 4.6 - Imagem Virtual Boxes, Envolvente Centro Hípico e zona Verde

Um dos aspetos que também se torna relevante são as atividades sazonais que este município tem, como as épocas festivas ou as atividades desportivas a nível internacional como é o caso do campeonato do mundo de remo, ou outros circuitos internacionais, que arrastam com eles mais de 5.000 visitantes em média, durante esses dias de provas.

Neste ponto, torna-se fundamental, para a necessidade de criação de espaços que alberguem estes visitantes uma vez que o parque de campismo não comporta segurança e higiene para visitantes, surge a necessidade de repensar este espaço, depois de verificar que no concelho de Montemor-o-Velho, não existe acomodação suficiente para estes visitantes. Assim surge a oportunidade de executar esta intervenção, à qual, juntamente com inúmeras oportunidades disponíveis, resulta na execução de um Eco-Parque (ver figura 4.7), que pretende revitalizar e potenciar os equipamentos existentes, respeitando ao máximo as pré-existências do local, tornando este conselho mais visível e mais apetecível para os visitantes, sem nunca descorar os cuidados e a sensibilização das boas práticas ambientais.



Figura 4.7 - Imagen Virtual EcoMondego-park, Zona Rio e ciclovias com passagem aérea

### 4.3- Medidas / intervenções de valorização Socioeco-nómicas da localidade

A primeira medida proposta, constitui na revitalização da zona envolvente ao centro Hípico, e respectivo parque de merendas/campismo, como mencionado anteriormente, onde se pretende fazer uma intervenção cuidada, integrada, em que o maior interesse reside em utilizar pouca área impermeável, por forma, a não criar impactos negativos nesta zona. Esta intervenção pretende estabelecer uma relação directa entre a vila e a zona desportiva, tentando com ela promover condições para a vinda de mais visitantes, assim como oferecer as melhores experiências com melhor acessibilidade bem como providenciar as acomodações necessárias para quem procura desfrutar da natureza.



Figura 4.8 -Imagem virtual Praia Fluvial / Parque autocaravanas e zona de camping

No eco parque as acomodações podem variar entre, a estadia com tenda, o aluguer de lugar para autocaravanas (ver figura 4.8) inserido no eco park, ou a estadia em Bungalows de duas tipologias T0, T2+1, executados em madeira local (pinho, eucalipto, maioritariamente.), assentes sobre estacas de madeira de modo a não impermeabilizar o terreno, obtendo assim alguma versatilidade e portabilidade dos mesmos. Este tipo de construção é adotado para todo o projeto de modo a conseguir uma maior rapidez de execução, usando materiais da região, criando assim, mais benefícios para as indústrias locais, bem como utilizando na calçada usada para a pavimentação das vias pedonais e ciclovias, a pedra calcária proveniente de Ançã - Coimbra, não excluindo a inclusão de painéis fotovoltaicos e painéis solares térmicos como medida utilização de energias limpas e amigas do ambiente.

Em segundo lugar, a intervenção executada pretende estabelecer uma ligação através de um parque verde, que se estende da vila ao centro náutico, criando acessos seguros, que permitem disfrutar da paisagem e da quietude do campo ao longo do seu percurso, permitindo não só a revitalização do centro equestre e parque de campismo, mas também criando uma nova zona de campos desportivos para a comunidade bem como uma piscina de acesso público ao ar livre (ver figura.4.9), e de uma zona balnear fluvial, onde foi planeado uma cedência de espaço para execução de estação de depuração das águas do rio bem como a implementação de espécies autóctones.



Figura 4.9 - Piscina e edificação de apoio Bar/restaurante, zonas Balneares.



Em terceiro lugar, com a divisão de espaços procurou-se criar uma linha de fluxos ao longo da margem do rio sem obstáculos permitindo uma melhor orientação e a deslocação num local mais harmonioso, com várias alternativas de percursos, permitindo uma deslocação mais intuitiva para os visitantes entre os vários lugares, conseguindo assim um arranjo simples e eficaz do espaço sem construções desnecessárias. Com isto criou-se uma boa separação das atividades propostas no parque, bem como a sua ligação ao entorno, como o caso dos edifícios de restauração e outros equipamentos existentes nas imediações da área de intervenção como; Bancos, Escolas profissionais, Bombeiros, Centro de Saúde, GNR, Transportes públicos.

Por fim, de modo a garantir toda a boa funcionalidade do parque será necessária a reabilitação das instalações sanitárias públicas bem como a criação de novos equipamentos como bares de apoio, instalações sanitárias, equipamentos desportivos de modo a cativar mais visitantes para o concelho, valorizando a sua diversidade e multifuncionalidade, criando um contributo para a sustentabilidade social do município, e conseqüente revitalização do comércio local.

#### **4.4- Projeto Final**

O parque, "EcoMondego", está projetado para a zona envolvente ao antigo centro equestre de Montemor-o-Velho, ocupando uma área de 29 hectares. Neste empreendimento, procurou-se ter extremo cuidado no seu planeamento: fruto dos conhecimentos adquiridos na revisão da literatura e na caracterização do concelho, surge esta proposta de modo a conseguir obter a máxima rentabilidade do espaço com o mínimo de impacto na natureza, e a respeitando todas as normas do turismo sustentável. Para este efeito propõem-se a execução de *workshops* de interpretação/educação ambiental e o máximo de sensibilização na comunidade envolvida, de modo a que, se consiga mais interação maior entre os turistas e os habitantes locais.

Para este efeito o empreendimento propõe a reabilitação e deslocação do centro Hípico para um dos extremos da intervenção fruto da separação hierárquica das atividades adjacentes, como a extensão do choupal até ao centro da vila, criando

uma malha, de passeios pedonais e ciclovias no seu interior, por forma a facilitar a interação entre as restantes edificações envolventes.

Ao longo deste corredor verde depara-se com a zona de lazer, composta pelo parque verde, e as restantes instalações existentes como a pista de triatlo, que em simbiose com a proposta apresentada, acontece na faixa destinada a criação de equipamentos públicos como é o caso da piscina ao ar livre e Bar/restaurante com a possibilidade de criação de um spa, bem como novos campos de jogos ao ar livre, promovendo a deslocação das pessoas para a vila e para a prática de atividades na natureza.

Sendo este município alvo de grande quantidade de visitantes nas épocas desportivas quer festivas, surge a necessidade de reabilitar o parque de campismo deixado ao abandono até então, e criar uma proposta "eco-friendly", cuja principal preocupação que esteve na sua origem foi a de criar várias tipologias de alojamento, como Parque para auto caravanas, parque de campismo e zona de Bungalows compostos por 2 tipologias distintas EcoM 0 e EcoM 2+1, conseguindo assim, juntamente com a sua construção de baixo custo, satisfazer um maior número de visitantes bem como expandir, em número, estas unidades, se assim for exigido.

Será também de salientar o espaço destinado à depuração das águas do rio, junto a uma pequena praia fluvial com docas para prática de kayak, padle ou mesmo nadar o que, juntamente com um recolha de resíduos regular e a sua devida separação, são dois factores que pretendem melhorar todo o entorno e maximizar a qualidade experiência do visitante.

### **Alojamento:**

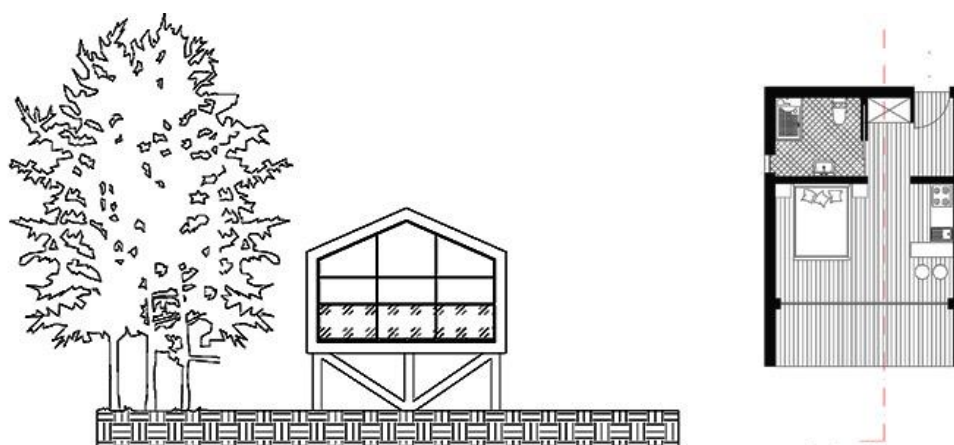
O EcoMondego Park, numa fase inicial, dispõe de 26 bungalows sustentáveis (ver figura 4.10) respetivamente, 10 "EcoM 2+1" e 16 "EcoM 0", caracterizados pela madeira no seu entorno e pelos vãos abertos ao exterior, de modo a retirar o maior partido do espaço natural e a criar um maior diálogo com o espaço envolvente. Já na resposta ao alojamento de custo reduzido o parque propõe uma área equivalente a 1,5 hectares destinada a campismo ladeado de um parque de autocaravanas com cerca de 40 espaços individuais sobre uma área de 1 hectare, conseguindo assim dar resposta aos picos de procura, no que diz respeito a acomodação.



Figura. 4.10- Imagem Virtual nocturna, zona Bungalows EcoM 0 e EcoM 2+1

### EcoM 0

Estes módulos foram desenvolvidos para acomodar 2 adultos e uma criança, dispondo de 1 Wc, 1 Kitchenette equipada com os equipamentos de necessidades básicas, uma sala/quarto, e uma varanda, dispõe de uma área total de 37 m<sup>2</sup>.



Anexo 5 e 5.1 - Planta, cortes e Alçados EcoM 0

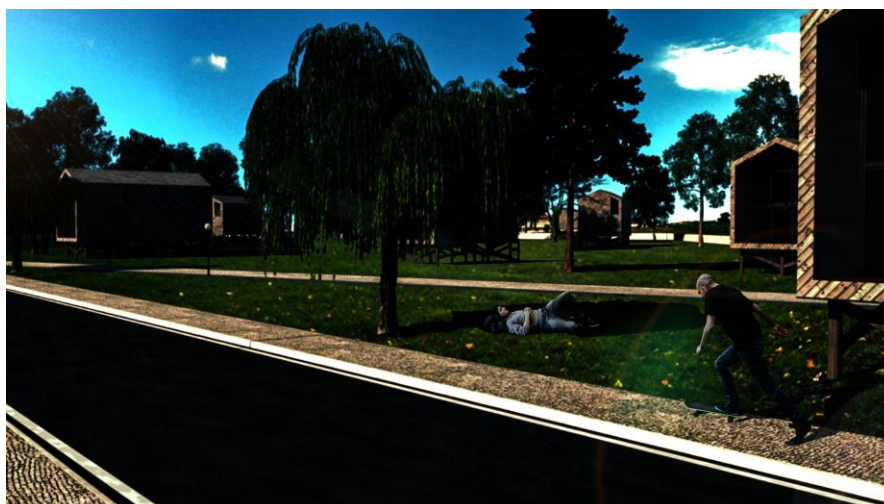
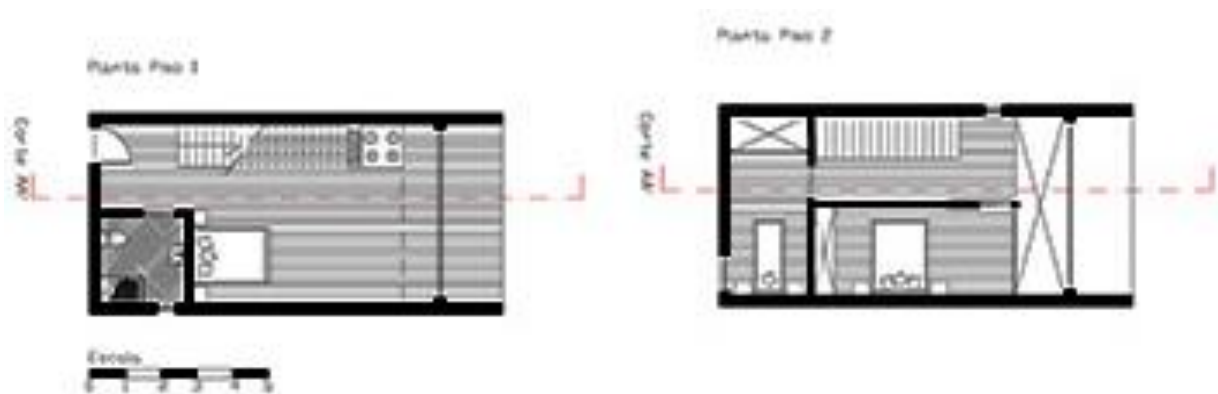


Figura 4.11 - Imagem Virtual Zona Bungalows

## EcoM 2+1

Estes módulos foram desenvolvidos para acomodar 4 a 6 pessoas, dispendo de 1 Wc, 1 Kitchenette equipada com os equipamentos de necessidades básicas, uma sala/quarto, e uma varanda. Dispõe ainda de uma área total de 100m<sup>2</sup>, uma vez que estes se desenvolvem em 2 pisos fazendo uso do piso superior para a colocação de 2 quartos privados tirando assim partido de uma área maior no piso térreo, permitindo usufruir de mais comodidade na área de convívio - sala.



## Anexo 4 e 4.1- Planta, cortes e Alçados EcoM



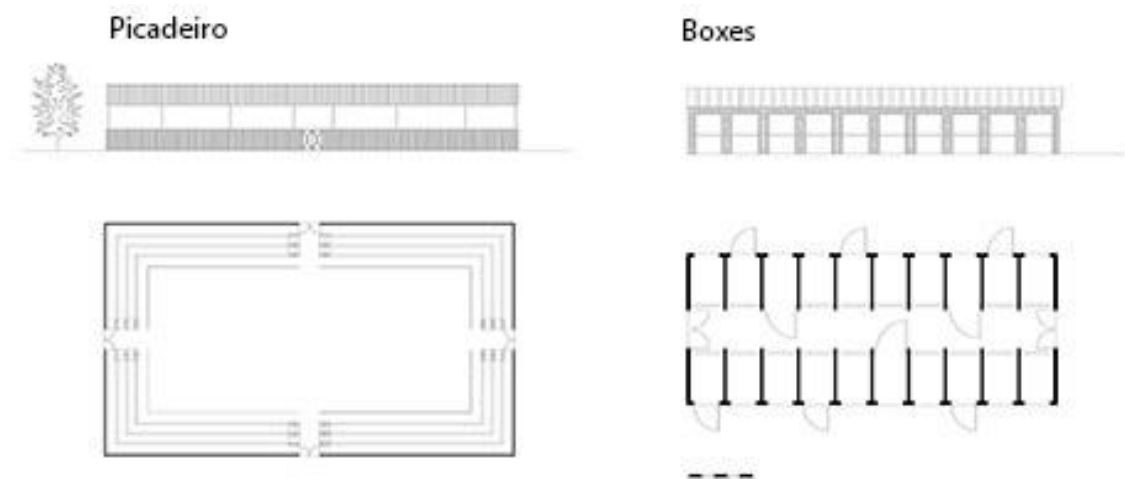
Figura 4.12 - Imagem Virtual Zona Bungalows

## Atividades / Lazer

Este empreendimento pretende não só propor a execução de novos equipamentos como é o caso da piscina pública, ou a reabilitação de outros equipamentos desativados como o centro Hípico, como pretende também a valorização e consequente ligação ao centro náutico de Montemor-o-Velho, e pista de triatlo, nunca descurando as outras atividades no concelho como o caso do Btt e do Trail Runnig, a pesca lúdica ou desportiva, a visita de monumentos seculares ou mesmo a apreciação do roteiro gastronómico ou mesmo a visita às reservas naturais e parque natural "Europaradise".

## Centro Hípico

O novo Centro Equestre pretende criar uma nova zona de Boxes para cavalos com lotação para cerca de 200 animais, assim como propõe a criação de um picadeiro coberto circunscrito por uma tribuna e um picadeiro descoberto com circuito de velocidade.



Anexo 8 e 9 - Planta, cortes e Alçados Centro Hípico

## Piscina / Bar



Anexo 6, 6.1 e 6.2 - Planta, cortes e Alçados Bar e Balneários Piscina

## Centro Náutico de Montemor-o-Velho

O eco-park pretende um relacionamento ativo com as atividades locais existentes, como caso do Centro Náutico, deste modo, torna-se fundamental a criação de protocolos de cooperação com as entidades competentes de modo a existir uma colaboração permanente com as atividades desportivas de âmbito nacional ou internacional.

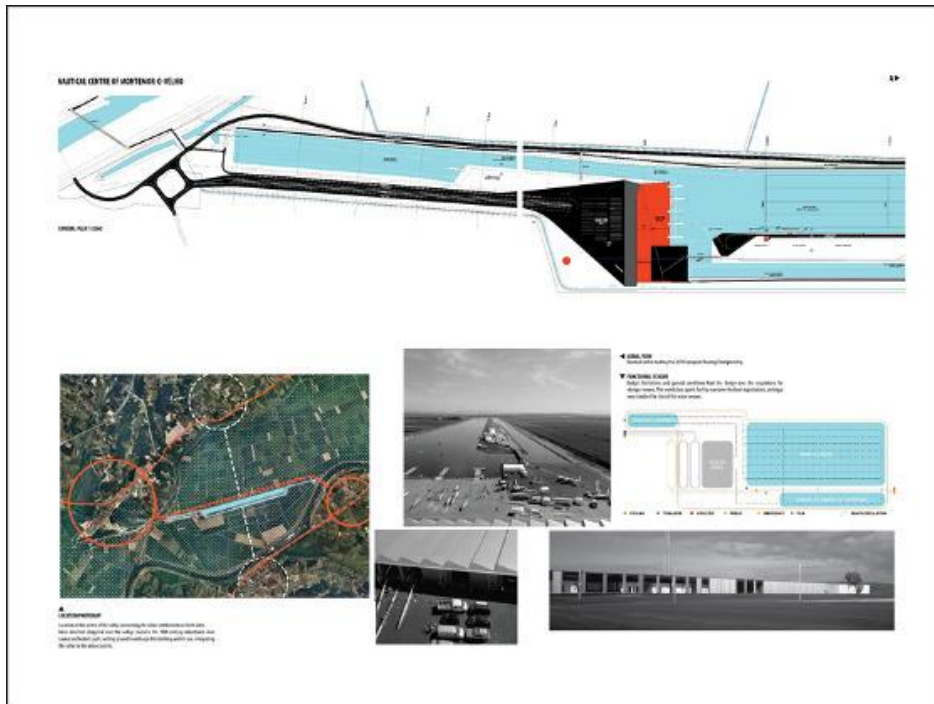


Figura 4.13 - Imagem "Hangar Centro Náutico" (Figueira,2008)

### BTT & Trail Running

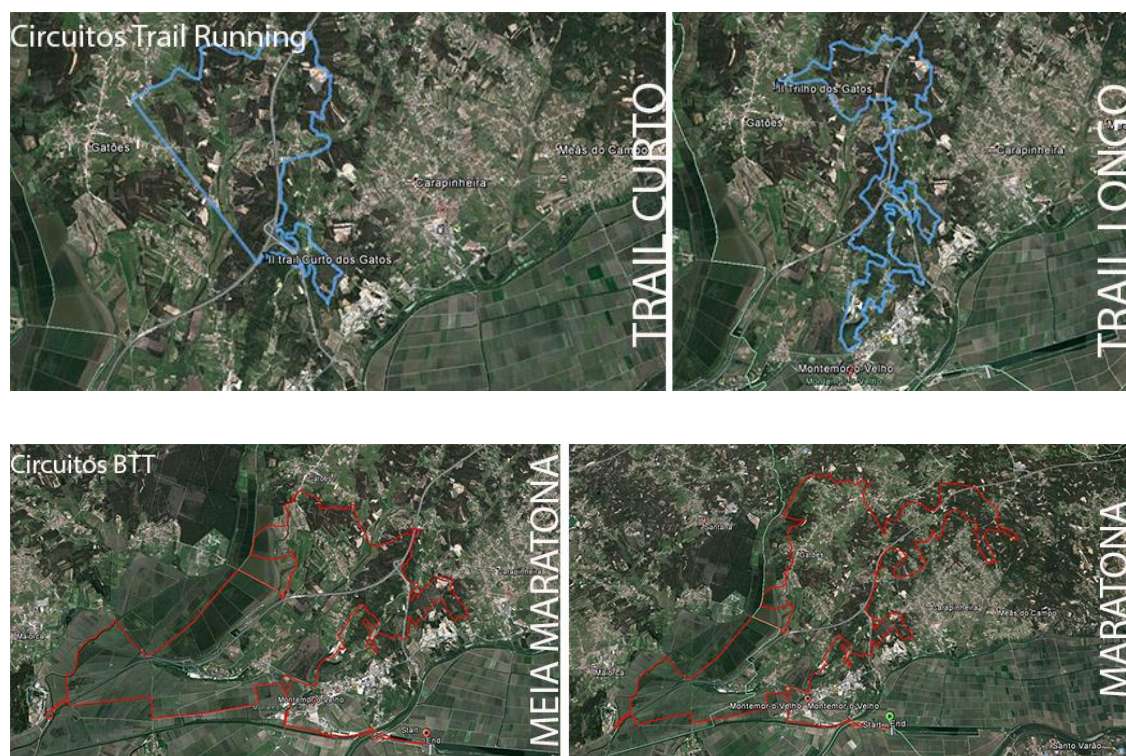


Figura 4.14 - Trail's e circuitos de BTT seguros, usados em alguns eventos desportivos Locais.





# Capítulo V - Conclusão

## 5.1 - Conclusão

Os meios rurais conheceram, depois da Segunda Guerra Mundial, particularmente nos países mais industrializados, transformações profundas. Transformações que, em muitos casos, têm conduzido ao “desaparecimento” de localidades tipificadas como rurais.

Esse fenómeno de “desaparecimento” físico e simbólico é sustentado, quer por fluxos aglutinadores do crescimento voraz de cidades e de zonas suburbanas, quer por movimentos de despovoamento e de abandono dos meios rurais.

Na atualidade, aliado à grave crise económica mundial, o abandono rural tornou-se uma necessidade, principalmente na população ativa e qualificada que encontra nos grandes centros urbanos, solução para as suas necessidades sociais e económicas, agravando a situação nos meios rurais.

Deste modo torna-se fulcral travar o despovoamento do meio rural, mantendo-o vivo, ativo e acima de tudo sustentável.

Com este objetivo, a presente dissertação pretendeu refletir sobre as relações entre o ecoturismo e o desenvolvimento do meio rural.

No capítulo II verificou-se a importância do turismo no meio socioeconómico das regiões, como levou ao desenvolvimento das mesmas através da sua adaptação aos recursos e necessidades de cada local. Juntamente com a evolução dos transportes, a necessidade do Homem de se movimentar e de explorar novas culturas, o turismo tornou-se uma das principais industriais mundiais.

Ainda no capítulo II, foram identificadas as várias vertentes do turismo, que surgiram de acordo com os recursos naturais e culturais existentes em cada região, mas acima de tudo através da procura por parte dos visitantes. Tornou-se importante compreender a diversificação dos tipos de turismo e como podem ser adaptados aos recursos de cada local.

Como se demonstrou no capítulo III, O ecoturismo - ou turismo ecológico- é uma modalidade de turismo que visa a utilização do património natural, cultural e histórico, atrelado a uma reflexão de desenvolvimento local sustentável. Esta reflexão contribui para a consciencialização da população residente da necessidade de conservação das áreas ambientais, da forma mais natural e culturalmente possível.

Resumidamente, o Ecoturismo está voltado às expressões da natureza, com políticas que visam o desenvolvimento sustentável de um determinado local, sem provocar danos, de forma a usufruir sem degradar. Ainda no capítulo III, foram analisados casos reais e de sucesso onde o Ecoturismo teve um papel determinante para a região onde foi desenvolvido, através de meios do seu desenvolvimento e preservação.

Como se pôde verificar no capítulo IV, o concelho de Montemor-o-Velho, pode ser considerado um concelho com fortes recursos que possibilitam o desenvolvimento um plano de reabilitação direccionado para o ecoturismo com sucesso.

A localização da Vila de Montemor-o-Velho, o meio envolvente fortemente marcado por paisagens naturais, assim como a riqueza patrimonial, cultural e gastronómica, concedem a Montemor-o-Velho as principais directrizes para seu desenvolvimento através do ecoturismo.

Montemor-o-Velho, como tantas outras regiões dos pais, sofrem as consequências da crise económica dos últimos anos, levando ao despovoamento da região, principalmente da população activa e qualificada. A falta de recursos e o desinteresse por parte das entidades públicas e privadas de investir em infraestruturas, contribuíram para a degradação das existentes ao mesmo tempo que estagnaram o desenvolvimento urbanístico.

Baseado na pesquisa teórica dos capítulos anteriores, foi desenvolvido no capítulo IV, um estudo que identificou as potencialidades e as possibilidades existentes no concelho, criando o projecto de reabilitação urbana que pretende reunir no mesmo espaço, as condições ideais para o desenvolvimento do ecoturismo no concelho.

As medidas foram seguidas através do projecto de requalificação urbana da área junto ao Rio Mondego (conforme fig. 4.1.), onde já se encontram diversas

infraestruturas com grande potencialidade, é o caso da pista do Centro Náutico, Centro hípico e toda a envolvente, sempre com o emblemático Castelo de Montemor-o-Velho como pano de fundo.

Foram ainda propostas, infraestruturas de apoio às existentes, é o caso da ciclovia, do parque de Autocaravanas e aluguer de bungalows, piscina municipal e infraestruturas de apoio.

Para dar continuidade aos objectivos propostos nesta dissertação, seria importante ouvir as necessidades da população, saber pretendem investir recursos não apenas económicos mas principalmente humanos, que juntamente com uma intervenção urbanística à semelhança da proposta, possam potenciar a região e criar condições para a população mais jovem e activa, se queira fixar no concelho, contribuindo para o seu desenvolvimento e crescimento.

Pretende-se com esta proposta que a Vila de Montemor-o-Velho deixe de ser um local de passagem, de ligação entre Coimbra e Figueira da Foz. Pretende-se que as pessoas que actualmente a habitam queiram continuar a fazê-lo, que se sintam seguras em investir e principalmente que se sintam orgulhosas da sua vila. Pretende-se que o concelho seja reconhecido pelo ecoturismo, tendo já confirmada a sua grande potencialidade.

Mas acima de tudo, pretende-se que as entidades governamentais vejam também uma mais-valia neste tipo de investimento, identifiquem a oportunidade de gerar, através dos recursos disponibilizados no concelho, um meio de desenvolvimento social e económico e acima de tudo uma garantia de que Montemor-o-Velho estará no mapa durante muitas décadas, como um concelho dinâmico, com carisma e acima de tudo sustentável.

### 5.3 - Biografia

1. Caminhos do futuro, ministério do turismo- AVT/IAP - NT/USP - ECOTURISMO (livro do aluno)
2. Critical issues in ecotourism, understanding a complex tourism phenomenon - edited by James Higham
3. História Ambiental a partir do patrimônio urbano ambiental e da prática turística, vol.4 - nº 1 , maio 2008
4. Power point - Ecoturismo " O turismo do futuro" , exemplo em vídeo <http://www.youtube.com/watch?v=SXIAOc4FGfY>
5. Turismo Ecológico e Ecoturismo, diferenças e princípios éticos, Diálogos
6. Análise do Planeamento e Gestão Turística: estudo de caso no Concelho de Odemira, dissertação mestrado em gestão do território, por Alana Dias Coelho
7. Turismo e Natureza, ciclo de debates 2000, livro de actas (do seminário "turismo e natureza- perspectivas de intervenção")
8. O Sector Privado em São Tomé e Príncipe: A Qualificação da Mão-de-obra e as Condições de Trabalho no Sector do Turismo (resumo) - Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, por Miura Lima
9. Power point - Principais conceitos e definições em turismo - introdução ao turismo, por Gonçalo Lopes
10. Estatísticas e indicadores Turismo no mundo 2013 - OMT organização mundial de turismo
11. A Certificação e o Turismo Sustentável - Ana Margarida Diniz
12. Educação ambiental e ecoturismo: um estudo a partir das vivências e sensibilização ambiental dos visitantes do ecoparque Sperry, Centro universitário de UNIVATES por LeÂni Vivian Faé

13. Montemor-o-Velho, Acessível, Plano local de promoção da acessibilidade, síntese das ações desenvolvidas.
14. Turismo rural: Lazer, com volta do respeito às origens, e conservação da vida urbana, por Odo Primavesi
15. Fauna e Flora do litoral, de Portugal e Europa, Expo 98, por Andrew Campbell
16. Concelho de Montemor-o-Velho, " A Terra e a Gente" - Câmara Municipal de MMV 1995, por Correia Góis
17. Ecotourism: competing and conflicting schools of thought James Higham, chapter1
18. 10 PRODUTOS ESTRATÉGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM PORTUGAL, turismo de natureza, turismo de Portugal.
19. Dissertação de Mestrado, "O ecoturismo como motor de desenvolvimento económico, sustentável e humano em África", de Teresa Isabel Catuna de Sousa.
20. BAIXO MONDEGO - Uma Caracterização Estatística, Direção Regional do Centro, de Carla Coimbra
21. PENT, plano estratégico nacional do turismo - Para o desenvolvimento de Portugal, ministério da economia e da inovação, 2007.
22. PENT, plano estratégico nacional do turismo - Para o desenvolvimento de Portugal, ministério da economia e da inovação, 2012.
23. Portugal Global, edição nº 61, janeiro 2014.
24. ECOTURISMO: Um Instrumento para o desenvolvimento Sustentável; por Sandrina Marques Dinis, Universidade Técnica de Lisboa.
25. Turismo de Natureza, 10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal, Turismo de Portugal 2006.
26. Instrumentos de Avaliação da Sustentabilidade do Turismo:  
  
Uma Análise Crítica, Por Itamar José Dias e Cordeiro, Universidade Nova de Lisboa

27. Guia Boas Praticas, Turismo de habitação e Turismo no espaço rural, por Turismo de Portugal 2014.
28. Estatísticas demográficas 2012, edição 2013, por INE
29. Terras de Montemor-o-Velho, Camara Municipal de Montemor-o-Velho, de A. Santos Conceição, 1992
30. Baixo Mondego, Região e Património, actas do 1º congresso do Baixo Mondego, 26 Maio - 29 julho 1990, por; Vitor Duarte
31. Reserva Natural do Paul de Arzila, Uma contribuição para o plano de gestão, por; Instituto da conservação da Natureza
32. Associação dos Agricultores do Vale Mondego, Saberes e Sabores do Arroz carolino do Baixo Mondego, por Irene Vaquinhas
33. Quando o Sol queima e o Frio engela, A vida nos campos do Mondego nos meados do sec. XX (1948 a 1955), por; José de Sousa Monteiro
34. Guia de Aves mais comuns, Montemor-o-velhoTaipal, edição torre de Menagem, 1992.
35. Jornadas, Baixo Mondego. Que futuro ?,
36. BEATO, C. (2009). “Planeamento do Sector do Turismo em Centros Urbanos”. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor, Universidade de Aveiro.

## **5.4- Webgrafia**

1. [www.dgadr.mamaot.pt/diversificacao/turismo-rural/caracteristicas-do-turismo-no-espaco-rural](http://www.dgadr.mamaot.pt/diversificacao/turismo-rural/caracteristicas-do-turismo-no-espaco-rural)
2. [WWW.DGADR.MAMAOT.PT/DIVERSIFICACAO/TURISMO-RURAL/CONDICOES-DETERMINANTES-DE-SUCCESSO](http://WWW.DGADR.MAMAOT.PT/DIVERSIFICACAO/TURISMO-RURAL/CONDICOES-DETERMINANTES-DE-SUCCESSO)
3. [www.DGADR.MAMAOT.pt/](http://www.DGADR.MAMAOT.pt/) Fator de desenvolvimento Rural

4. [aprendoensinormais.blogspot.pt/p/setorterciario.html](http://aprendoensinormais.blogspot.pt/p/setorterciario.html)
5. [www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo](http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo)
6. <http://blog.bellostes.com/>
7. [www.turismodeportugal.pt/portugu%C3%AAs/Pages/Homepage.aspx](http://www.turismodeportugal.pt/portugu%C3%AAs/Pages/Homepage.aspx)
8. [www.embratur.gov.br/](http://www.embratur.gov.br/)
9. [www.ine.pt](http://www.ine.pt)
10. [ambientes.ambientebrasil.com.br/ecoturismo/artigos/o\\_ecoturismo\\_%E2%80%93\\_conceitos\\_e\\_principios.html](http://ambientes.ambientebrasil.com.br/ecoturismo/artigos/o_ecoturismo_%E2%80%93_conceitos_e_principios.html)
11. [www.dgadr.mamaot.pt/component/content/article/14-diversificacao-e-meio-rural/326-guia-de-boas-praticas-de-turismo-de-habitacao-e-de-turismo-no-espaco-rural](http://www.dgadr.mamaot.pt/component/content/article/14-diversificacao-e-meio-rural/326-guia-de-boas-praticas-de-turismo-de-habitacao-e-de-turismo-no-espaco-rural)
12. [www.nuevamentes.net/2015/02/se-buscan-personas-y-familias-para.html](http://www.nuevamentes.net/2015/02/se-buscan-personas-y-familias-para.html)
13. Ecotourism: competing and conflicting schools of thought James Higham
14. [www.archdaily.com/](http://www.archdaily.com/)
15. [www.zmar.eu/pt](http://www.zmar.eu/pt)
16. [www.pedrassalgadapark.com/pt](http://www.pedrassalgadapark.com/pt)
17. [www.baixomondego.pt/regioes/montemor/apresentacao.php](http://www.baixomondego.pt/regioes/montemor/apresentacao.php)

# ANEXOS